UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO

ÂNGELA CRISTINA PUZZI FERNANDES

O TRABALHO DO ADOLESCENTE COMO APRENDIZ
NA CIDADE DE CAMPINAS, ESTADO DE SÃO PAULO

RIBEIRÃO PRETO
2008

ÂNGELA CRISTINA PUZZI FERNANDES

O TRABALHO DO ADOLESCENTE COMO APRENDIZ NA CIDADE DE
CAMPINAS, ESTADO DE SÃO PAULO

Tese apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Enfermagem Fundamental da
Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da
Universidade de São Paulo para obtenção do
título de Doutor em Enfermagem

Linha de Pesquisa: Saúde do trabalhador

Orientador: *Prof^a Dr^a Maria Lúcia do Carmo da Cruz Robazzi*

RIBEIRÃO PRETO

2008

FICHA CATALOGRÁFICA

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESSE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADO A FONTE.

Catálogo na Publicação
Serviço de Documentação de Enfermagem
Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo

Fernandes, Ângela Cristina Puzzi

O trabalho do adolescente como aprendiz na cidade de Campinas, Estado de São Paulo - SP; orientadora Profa. Dra Maria Lúcia do Carmo Cruz Robazzi - Ribeirão Preto, SP, 2008
139 f.

Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação Enfermagem Fundamental – Área de Concentração: Enfermagem Fundamental – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

1. Adolescência, 2. Enfermagem, 3. Saúde do trabalhador, 4. Trabalho de menores

FOLHA DE APROVAÇÃO

Ângela Cristina Puzzi Fernandes

O trabalho do adolescente como aprendiz na cidade de Campinas, Estado de São Paulo

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Fundamental da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Enfermagem.

Área de Concentração: Enfermagem Fundamental

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Lucia do Carmo Cruz Robazzi

Instituição: EERP-USP

Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura _____

DEDICATÓRIA

*Meu reconhecimento ao meu marido, **Alberto**, e as minhas filhas, **Carolina e Débora**, pelo incentivo, paciência e carinho que tiveram durante o tempo que passei trabalhando na construção desta tese.*

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Prof^a Dr^a Maria Lúcia do Carmo da Cruz Robazzi pelo incentivo, paciência, gentileza e experiências compartilhadas e principalmente pela orientação no desenvolvimento dessa pesquisa.

À Prof^a Dr^a Maria Inês Monteiro, Prof^a Dr^a Maria Aparecida Tedeschi Cano, Prof^a Dr^a Ana Maria Laus, Prof^a Dr^a Sandra Valenzuela Suazo pela disponibilidade, contribuição e sugestões esclarecedoras na organização dessa pesquisa.

Aos jovens trabalhadores da empresa estudada, que estiveram disponíveis e dispostos sempre em que foram solicitados e principalmente por compartilharem comigo sua vivência do trabalho.

A secretária Velmara de Fátima Della Motta Gomes que pacientemente realizou a formatação deste trabalho.

Ao responsável pelo gerenciamento do contrato e supervisores dos trabalhadores aprendizes da empresa estudada que viabilizaram a coleta de dados.

*À secretária do serviço de saúde ocupacional **Cíntia Cristina Matos** e as estagiárias de enfermagem **Maria Flávia Balduino**, **Camila Batistone da Silva** e **Thaís Barreto Andreoli** e o médico do trabalho **Clayton Franco de Camargo** que compartilharam os momentos da realização dessa tese.*

*Ao **Gerente de Recursos Humanos** da empresa em que exerço as minhas atividades laborais pelo apoio e incentivo.*

*À minha mãe **Flora** e ao meu pai **João** que sempre me ensinaram a ser perseverante e disciplinada.*

*À **Deus** pela oportunidade do dom da Vida que nos oferece inúmeros recomeço para o nosso crescimento moral e intelectual.*

RESUMO

FERNANDES, A. C. P. ***O trabalho do adolescente como aprendiz na cidade de Campinas, Estado de São Paulo***. Ribeirão Preto, 2008. 139 f. Tese (Doutorado)-Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

Trata-se de um estudo de caso, com abordagens qualitativas, descritivas e de diagnóstico, que objetivou analisar a inserção precoce de jovens trabalhadores ao mercado de trabalho, no setor industrial de Campinas, São Paulo, Brasil, baseando-se em 57 entrevistas em uma empresa do setor de tecnologia da informação, norteadas pela pergunta “como foi começar a trabalhar?” Os resultados mostraram que influência dos familiares é fator determinante na precocidade do trabalho, objetivando a manutenção do orçamento financeiro familiar e o afastamento das influências do mundo marginalizado. Conclui-se que a inserção precoce dos adolescentes no trabalho tem que uma representação social muito importante da vida destes trabalhadores jovens com significados positivos sobre os fatores quanto aos benefícios financeiros, acesso ao ensino superior, o desenvolvimento de conhecimentos de: comunicação, postura e relacionamento como habilidades e de cidadania, e os negativos são os efeitos sobre saúde.

Palavras-chave: Adolescência, Enfermagem, Saúde do trabalhador, Trabalho de menores.

ABSTRACT

FERNANDES, A. C. P. ***Teenager Working as a Trainee in the City of Campinas, State of São Paulo***. Ribeirão Preto, 2008. 139 f. PhD Thesis - Ribeirão Preto School of Nursing, University of São Paulo

The objective of this case study, with qualitative, descriptive and diagnosis approaches, was to analyze teenagers entering job market, at the industrial sector in the city of Campinas, State of São Paulo, Brazil. This study was based on 57 interviews which were conducted in an IT company and guided by the following question, "How was the experience of starting working?". The results indicated that the family influence is determining for entering the job market early with the objective to help with the family budget and keep them off the marginal world. It is inferred that teenagers that enter job market have their lives affected positively and negatively. Among the benefits are high school access, knowledge development on communications, position, and relationship, such as capabilities and citizenship, financial improvement. The negative effects would be those harmful for health.

Key words: Adolescence, Nursing, Occupational health, Child Labor.

RESUMEN

FERNANDES, A. C. P. ***El trabajo del adolescente como aprendiz em la ciudad de Campinas, Estado de São Paulo***, Brasil. Ribeirão Preto, 2008. 139 f. Tesis Doctoral - Escuela de Enfermería de Ribeirão Preto, Universidad de São Paulo

Se trata de un estudio de caso, con planteamientos cualitativos , descriptivos y de diagnóstico, que tuvo como objeto analizar la inserción precoz de jóvenes al mercado de trabajo, en el sector industrial de Campinas, con base en 57 entrevistas en una empresa del sector de tecnología de la información, orientada por la pregunta: “¿cómo fue comenzar a trabajar?”. Los resultados mostraron que la influencia de los familiares es factor determinante en la precocidad del trabajo para mantener el presupuesto de la familia y alejarlos de las influencias del mundo marginalizado. Se deduce que la inserción precoz de los adolescentes en el trabajo tiene una representación social muy importante en la vida de estos trabajadores jóvenes. En cuanto a los beneficios encontramos acceso a la enseñanza superior, al desarrollo de conocimientos de comunicación, postura y relación con habilidades y de ciudadanía, y adquisición financiera. Los reflejos negativos son los efectos sobre la salud.

Descriptores – Adolescente, Enfermería, Salude Laboral, Trabajo de menores.

LISTA DE SIGLAS, ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

ADOT	Associação de Assistência e Proteção ao Adolescente trabalhador
AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
CECRIA	Centro de Referência, Estudo e Ações sobre a Criança e o Adolescente
CLT	Consolidação das Leis Trabalhistas
CMDA	Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente.
CNPq	Centro Nacional de Pesquisa
CONAETI	Comissão Nacional para Erradicação do Trabalho Infantil
COSAT	Área Técnica de Saúde do Trabalhador do Ministério da Saúde
CTPS	Carteira de Trabalho e Previdência Social
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatística e Estudo Socioeconômicos
DST	Doenças Sexualmente Transmissíveis
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EUA	Estados Unidos da América
FCM	Faculdades de Ciências Médicas
FGTS	Fundo de garantia por tempo de Serviço
IBGE	Instituto brasileiro de Geografia e Estatística
INEP	Instituto Nacional de Estudos Pesquisas Educacionais
ICT	Índice de Capacidade para o Trabalho
MS	Ministério da Saúde
OIT	Organização Mundial do Trabalho
OMS	Organização Mundial da Saúde
PIAT	Programa de Inserção do Adolescente no trabalho
PIB	Produto Interno Bruto
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PUC	Pontifícia Universidade Católica
SAEB	Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica
SEADE	Fundação de Sistema Estadual de Análise de Dados
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

SENAR	Serviço Nacional de Aprendizagem Rural
SUS	Sistema Único de Saúde.
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas.
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo.
USP	Universidade de São Paulo.

SUMÁRIO

1 Apresentação e Justificativa do Estudo.....	14
2 Revisão da Literatura.....	19
2.1 O Trabalho.....	20
2.2 O Trabalho realizado por crianças e adolescentes.....	23
2.3 A Adolescência.....	27
2.3.1 Conceito e Delimitação.....	27
2.4 A Legislação e Programas existentes.....	35
2.5 Escola.....	38
2.6 Gênero e Etnia.....	40
2.7 A Inserção precoce no mundo do trabalho.....	42
2.8 Histórico e descrição da entidade que prepara o adolescente para as empresas parceiras.....	52
3 Hipóteses e Objetivo.....	57
4 Material e Método.....	59
4.1 Natureza do estudo.....	59
4.2 Local do estudo.....	62
4.3 Sujeitos do estudo.....	67
4.4 Procedimentos de Coleta de dados.....	67
4.5 Procedimentos de Análise dos Resultados.....	69
5 Resultado e Discussão.....	71
5.1 Características dos sujeitos.....	72
5.2 Descrição dos Postos de trabalho dos aprendizes.....	74
5.3 Os núcleos encontrados.....	78
5.4 Questões apresentadas pelo Gestor do Programa.....	112
5.5 Questões apresentadas pelos Supervisores.....	115
6 Considerações Finais.....	117
7 Referencias Bibliográficas.....	124
Apêndices.....	134
Anexos.....	139

1 APRESENTAÇÃO E JUSTIFICATIVA DO ESTUDO

O presente estudo representa um desdobramento das atividades

profissionais que venho desenvolvendo nas duas últimas décadas, no exercício da função de Enfermeira do Trabalho, em uma empresa de tecnologia da informação, na cidade de Campinas (SP).

Durante todos estes anos da minha vida laboral, os adolescentes sempre estiveram presentes como força produtiva no contingente dos trabalhadores desta empresa, por meio de convênios firmados entre a instituição de tecnologia de informação, entidades educacionais e instituições de ensino existentes na região, no Estado de São Paulo e nos demais Estados do Brasil.

Confirmando essa vivência profissional, dados colhidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que 20% dos brasileiros já trabalham antes dos dez anos e 65% antes dos 15 anos. A Organização Mundial do Trabalho – OIT⁽¹⁾, por sua vez, calcula que cerca de 250 milhões de crianças e adolescentes com idade entre cinco e 14 anos trabalham no mundo, sendo que a metade deles em período integral.

Foi divulgado, também pela OIT, um relatório que identifica 153 milhões de crianças trabalhadoras na Ásia; 80 milhões na África e 17,5 milhões na América Latina^{1,2}.

Na prestação de assistência de enfermagem aos jovens, inseridos neste ambiente, que, muitas vezes, é insuportável até mesmo para os adultos, por sua pobreza de relações afetivas ou pela falta de desenvolvimento de programas específicos de promoção da saúde, pude constatar o desenvolvimento de adoecimentos físicos e mentais relacionados ao trabalho e, também, a ocorrências de acidentes de trabalho.

Neste período, mantive também freqüentes contatos com a comunidade científica de algumas universidades existentes em Campinas (PUC-CAMPINAS e

UNICAMP), ministrando aulas nos cursos de graduação e pós-graduação e fazendo parte de grupos científicos multidisciplinares, que estudam a relação saúde e trabalho. Em razão destas experiências pude constatar a recorrência de estudos que sinalizavam para a existência dos mesmos problemas encontrados em minha experiência profissional.^{3,4,5}

Em 1997, participei da realização de uma pesquisa sobre “Envelhecimento e Capacidade para Trabalho” com trabalhadores, desta empresa, com 35 anos ou mais, utilizando o Índice de Capacidade para o Trabalho – ICT⁵. Em 2002, ingressei como aluna regular no Curso de Pós-graduação do Departamento de Enfermagem da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, para estudar capacidade para o trabalho e compor o grupo de Estudos e Pesquisa em Saúde e Trabalho. Neste mesmo ano, realizei estudos sobre a capacidade para o trabalho entre jovens trabalhadores⁶, um *follow-up* de sete anos em relação ao estilo de vida⁷ e participei na coleta de dados de uma tese de livre docência.

Em 2003, defendi a dissertação de Mestrado intitulada “Capacidade para o Trabalho em Diferentes Modalidades de Inserção de um Condomínio Empresarial de Alta Tecnologia”, cujo objeto foi o estudo da inserção de trabalhadores terceirizados e estudantes, através de bolsa-estágio, no mercado de trabalho.

Em razão de minhas atividades profissionais, tenho, desta forma, acompanhado e vivenciado, por mais de duas décadas, uma população de trabalhadores de um ramo de atividade específica, sujeita à introdução de novas tecnologias, que ocorre em ciclos cada vez mais acelerados, exigindo mão-de-obra altamente versátil, com uma base conhecimentos extremamente ampla.

Este contexto permite que, objetivamente, constate-se que a informatização, a automatização e a produção em escala mundial têm garantido

aumentos constantes de produtividade,^{8,9,10,11,12,13} tornando a demanda de trabalhadores cada vez menor, o que traz, como consequência, uma luta intensa pelos postos de trabalho oferecidos (sempre em quantidade insuficiente), exigindo a permanente evolução pessoal e a mais absoluta dedicação de tempo, capacidade de trabalho e habilidades pessoais. Esse fato pressupõe e exige um envolvimento pessoal sem precedentes, que, na maioria das vezes, representa, inevitavelmente, até mesmo a total renúncia do exercício de outras atividades capazes de assegurar uma qualidade de vida compatível com o nível de entrega profissional exigido e os inevitáveis desgastes físicos e mentais decorrentes.

Por outro lado, a queda dos níveis salariais, fenômeno mundial e decorrente deste quadro^{14,15}, tem também provocado, de modo crescente, a precocidade da inserção no mercado de trabalho dos adolescentes, compelidos pelas necessidades pessoais e familiares, em razão não apenas da queda dos níveis salariais de suas famílias, quando não até mesmo pela própria perda de emprego de seus pais. Assim, o jovem vê-se obrigado a iniciar, cada vez mais cedo e com maior intensidade, a luta pela sobrevivência, invariavelmente sem que esteja pronto física, emocional ou profissionalmente, para tanto.

Deste modo, a realidade encontrada durante minha experiência profissional, juntamente com a grande recorrência de estudos que sinalizam para a necessidade de se pesquisar com maior profundidade as consequências das mudanças na saúde do adolescente^{16,17,18,19,20}, bem como oferecer alternativas de modo a resolver ou, pelo menos, minorar as consequências negativas, que se exteriorizam na forma de doenças e acidentes de trabalho, levaram-me a intenção de elaborar o presente projeto de pesquisa, que está inserida no projeto de pesquisa, financiado pelo CNPQ, "O trabalho precoce e os seus impactos sobre a

saúde dos trabalhadores”, protocolo sob n 0855/2007.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 O Trabalho

“O trabalho é um aspecto importante da vida da maioria das pessoas. Tem um valor econômico social e pessoal que pode ser uma força de crescimento, desenvolvimento e saúde ou de sofrimento, prejuízo e patologia. Trabalhar é uma atividade na qual despendemos uma parcela significativa de tempo, energia e expectativas, esperando receber em troca um salário, reconhecimento, apoio por parte de colegas e chefias, além da possibilidade pessoal e profissional”²¹

Vivemos numa época em que a tecnologia facilita a disseminação da informação em uma velocidade nunca antes imaginada, qualquer incidente que ocorra em um local do planeta as demais partes do globo tem conhecimento do fato em questão de horas, senão minutos ou mesmo segundos.

Com o avanço da tecnologia da informação e da robótica a partir dos anos 80 do século XX, os processos de trabalho sofreram sensíveis mudanças, substituindo-se o homem pela máquina nas atividades em que se exige força humana e os movimentos repetitivos, aumentando, assim, a produtividade e reduzindo os custos dos produtos, tornando as empresas mais competitivas no mercado globalizado⁹.

A globalização ao mesmo tempo em que tenta reunir, fragmenta, exclui do processo aqueles que ainda não conseguiram alcançar um determinado índice de desenvolvimento e de tecnologia, que os torne aptos a participar desse processo²².

Não obstante o fato de que a Revolução Industrial ocorreu nos anos de 1700, a implantação do parque industrial brasileiro inicia-se somente a partir de 1920, consolidando-se no governo de Getulio Vargas (1940), disseminando-se efetivamente na década de 1970, na qual a indústria de transformação e a construção civil dinamizaram fortemente o mercado de trabalho urbano.

Nos anos 80, o protecionismo interno garantiu um movimento lento de reorganização produtiva e defendeu o emprego industrial, ao mesmo tempo em que

a expansão dos serviços sociais e os serviços produtivos e voltados para o consumo de alta renda sustentaram a estrutura ocupacional.

Em movimento contrário, “a racionalização econômica dos anos 90 tem ferido violentamente a capacidade de geração de empregos dos diversos setores econômicos, levando a uma redução acentuada da dimensão ocupacional do trabalho protegido nos mercados urbanos e metropolitanos de trabalho”. Desenvolve-se uma nova hegemonia do capital na produção, em virtude do desenvolvimento do *toyotismo* sistêmico e um novo salto na automação microeletrônica; sobretudo a partir de 1993, criando um novo perfil operário, mais qualificado (e estável) e, portanto, mais integrado às novas práticas produtivas²³. A tecnologia ganha grande avanço com a informática, robótica e as redes de informação através da internet e a telefonia sem fio, o celular.

Também, nesta época e nos dias atuais com a diminuição dos postos de trabalho formais e aumento dos postos informais. O emprego diminui e o ritmo e a pressão no trabalho aumenta. Parte-se, assim, para a sociedade de serviços⁹.

Surge a acumulação flexível que é caracterizada pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, maneiras renovadas de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional.

A acumulação flexível envolve rápidas mudanças nos padrões de desenvolvimento desigual, tanto entre setores como em regiões geográficas, criando, por exemplo, um vasto movimento no chamado “setor de serviços”, bem como conjuntos industriais completamente novos em regiões até então subdesenvolvidas¹¹.

No início da era da industrialização a tecnologia perpassava por várias

gerações; hoje as novas tecnologias nascem e são rapidamente substituídas dentro de mesma geração.

O que se chama de trabalho é uma invenção da modernidade. A forma “trabalho” de hoje foi gerada pela industrialização. Trabalho, no sentido atual, não está relacionado à satisfação de necessidades nem voltado para a reprodução da vida de cada um. Também não é uma atividade que se executa exclusivamente para o trabalhador²⁴.

Tampouco é uma atividade controlada, capaz de expressar autonomia e para a qual o homem é insubstituível. O trabalho artístico, doméstico e de autoprodução é fundamentalmente distinto do que a sociedade entende por “trabalho”²³.

A característica básica do trabalho definido pela sociedade atual, que se procura desenvolver e oferecer, é a de ser realizar na esfera pública. É a atividade reconhecida por outros como útil e, por isso, remunerada. É através do trabalho remunerado que o homem se integra à esfera pública, que adquire existência e identidade social. Ou seja, uma profissão^{24,25}.

Trabalhando, o homem entra em uma rede de trocas, que o define, compara, concede direitos e estabelece deveres. Trabalho socialmente remunerado e determinado é, de longe, o fator mais importante de socialização produzido pela época moderna e que permitiu à civilização afirmar-se como a Sociedade do Trabalho, distinta de todas as anteriores. Isso significa que o trabalho que fundamenta a coesão e a cidadania não pode ser reduzido ao Trabalho como categoria antropológica ou voltado para a subsistência.^{24,25,26,27}

Diante da forte volatilidade do mercado, do aumento da competição e do estreitamento das margens de lucro, os patrões tiram proveito do enfraquecimento

do poder sindical e da grande quantidade de mão-de-obra excedente (desempregados e subempregados) para impor regimes e contratos de trabalhos mais flexíveis. É difícil esboçar um quadro geral claro, visto que o propósito dessa flexibilidade é satisfazer as necessidades com freqüência muito específicas de cada empresa¹¹.

As transformações ocorridas nas últimas décadas, associadas à instabilidade da economia nas duas últimas, têm provocado, desde então, a redução do emprego industrial, o crescimento das ocupações ligadas ao setor terciário, de caráter formal e informal e o progressivo empobrecimento da população. Estas tendências definem, portanto, o perfil atual das atividades econômicas e afetam as possibilidades de emprego, os arranjos familiares de inserção no mercado de trabalho e as condições de vida da população²².

Em época de crise como a que se vive hoje, com aumento do desemprego, da informalidade nas relações de trabalho e aprofundamento das desigualdades sociais, o que resulta é um recrudescimento da exposição precoce ao trabalho²⁸.

2.2 O Trabalho realizado por Crianças e Adolescentes

Atualmente para que as empresas possam assegurar a sua sobrevivência e longevidade é necessário sua adequação dentro dos padrões de certificações internacionais. As empresas brasileiras buscaram a atualização e normatização dos seus processos para conseguirem as os selos certificadores internacionais, entre estes quesitos há os que priorizam a responsabilidade social com o trabalho infanto-

juvenil. A norma internacional que cuida deste quesito é a Responsabilidade Social - AS – 8000²⁹.

Uma empresa para conseguir esta certificação deve também respeitar os princípios dos seguintes instrumentos internacionais: Convenções OIT 29 e 105 (Trabalho Forçado e Trabalho Escravo), Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança.

Nas especificações está que os seguintes assuntos devem ser respeitados e documentados,

- a organização deve estabelecer, documentar, manter e efetivamente comunicar aos funcionários e a outras partes interessadas as políticas e procedimentos para reparação de crianças que forem encontradas trabalhando em situações que se enquadrem na definição de trabalho infantil anteriormente citada (trabalho forçado e escravo),
- deve fornecer apoio adequado para possibilitar que tais crianças freqüentem e permaneçam na escola até a idade adequada,
- empresa deve estabelecer, documentar, manter e efetivamente comunicar aos funcionários e as outras partes interessadas as políticas e procedimentos para promoção da educação para crianças cobertas pela Recomendação 146 da OIT e trabalhadores jovens que estejam sujeitos às leis obrigatórias locais de educação ou que estejam freqüentando escola,
- a empresa deve incluir meios para assegurar que tal criança ou trabalhador jovem esteja empregado durante o horário escolar e que as horas combinadas de transporte diário (de e para a escola e trabalho), período escolar e horário de trabalho não excedam a 10 horas por dia;

- não deve expor crianças ou trabalhadores jovens a situações dentro ou fora do local de trabalho que sejam perigosas, inseguras ou insalubres²⁸.

No Brasil as empresas de grande e médio porte seguem as especificações acima descritas para garantirem seu quinhão no mercado internacional, mas a grande maioria das empresas brasileiras é de pequeno porte²⁵, portanto não respeita as convenções internacionais e nem a legislação nacional tornando assim o trabalho infanto-juvenil um grave assunto a ser resolvido.

O trabalho da criança e do adolescente, nesse contexto, tem se apresentado como um dos mais graves e controvertidos problemas de saúde pública na atualidade. Apesar de não se caracterizar como fato novo, o trabalho precoce, nas duas últimas décadas, passou a se colocar como um problema social, deixando seu espaço naturalizado de fato cotidiano e passando a ocupar *o status* de problema²².

Assim, diante da realidade do trabalho precoce (e da miséria que o motiva) muitas vezes pergunta-se, o que é melhor: manter ou afastar a criança ou adolescente do trabalho?

Partindo desse princípio, torna-se necessário deslocar a discussão da relação do trabalho com o desenvolvimento do homem. Não se trata de uma mera adaptação das características e condições de trabalho às características das crianças e dos adolescentes, mas de como o trabalho pode afetar a construção de um indivíduo que se deseja saudável e produtivo²⁸.

No mundo do trabalho com suas regras e hierarquias extremamente rígidas; com sua pobreza afetiva e relações que se estabelecem entre o impessoal e o desumano; no qual imperam os valores da produtividade e da submissão, há o

predomínio, quase a personificação da esfera da castração. Nesse ambiente, muitas vezes, mesmo para adultos, o constante renunciar aos desejos e interesses pode tornar-se insuportável e evidentemente é este o quadro que se apresenta para criança ou adolescente que sequer tem a sua disposição uma maturidade ou recursos advindos da elaboração e solução de conflitos internos, no nível simbólico²⁸.

O fato de trabalhar e ter de submeter-se às variadas regras de ordens hierarquias, inibe seus anseios naturais de brincar e expressar seus desejos e interesses. Como brincar cumpre na infância um papel muito maior do que a busca do prazer e diversão, fornecendo oportunidades de reviver, entender e assimilar os mais diversos modelos e conteúdos das relações afetivas e cognitivas e como o jovem passa a temer ser punido por expressar-se livremente, ocorre um empobrecimento tanto no que se refere à sua capacidade de expressão quanto de compreensão²⁹.

É obvio que há o sofrimento advindo desse processo. Em algum momento, esse indivíduo precisará encontrar algo que lhe traga alívio, um lenitivo para sua angústia. Dependendo das “oportunidades” que a vida lhe proporcionar, esse alívio pode ser encontrado no álcool, nas drogas, ou na negação dos valores da sociedade que o rejeita e discrimina²⁸.

Nas considerações finais do artigo “Trabalho precoce e riscos à saúde”, o autor trás uma compilação de citações mostrando linhas e pesquisa antagônicas sobre o bem e o mal da inserção precoce no mundo do trabalho³⁰.

O trabalho realizado precocemente pode prejudicar a formação intelectual de crianças e adolescentes, pois eles deixam de brincar, ir à escola e realizar atividades compatíveis com sua idade. Isso sobremaneira, é prejudicial ao seu

desenvolvimento psíquico, intelectual e afetivo, acarretando perda de etapas fundamentais de sua vida³¹, significando uma necessidade de se tornar adulto antes do tempo³¹. Além disso, compromete a formação escolar, uma vez que a falta de tempo e condições físicas e mentais de trabalhar e estudar ao mesmo tempo proporciona um aumento na evasão escolar e índices de baixa escolaridade^{32,33}, apesar de que outros estudos ainda devem ser realizados a este respeito.

A desagregação do núcleo familiar, a falta de perspectivas futuras, a redução de postos de trabalho para adultos, a força de trabalho desqualificada e comprometida no futuro bem como o aumento da marginalização e criminalidade são conseqüências do trabalho precoce que repercutem tanto na família quanto na sociedade^{34,35,36}.

Do ponto de vista da importância e da dignidade do trabalho, há

“ pais e responsáveis que defendem a idéia de que o trabalho precoce é benéfico por afastar o jovem da delinquência e criminalidade. Paralelamente, o ambiente escolar desfavorável e o convívio com colegas já envolvidos em atividades anti-sociais favorecem o seu ingresso nas atividades ilícitas e nocivas. Além disso, a maioria das escolas somente oferece a “educação básica”, distanciada da realidade social de seus alunos e em horários incompatíveis com o estilo de vida dos mesmos. Entretanto, devemos lembrar que o trabalho educativo executado dentro do ambiente familiar e relacionado à transmissão de um elemento fundamental em nossa cultura, o ofício, pode ser admitido como necessário ao processo de socialização. Desta forma, devemos estar atentos ao limite entre o trabalho precoce não-prejudicial e o trabalho que impeça a escolarização, prejudique a saúde e/ou comprometa o futuro destes jovens”³⁷.

2.3 A Adolescência

2.3.1 Conceito e Delimitação

Etimologicamente a palavra “adolescente” deriva da palavra latina “*adolescere*”, que significa crescer, desenvolver-se, tornar-se adulto. É o período da

vida humana entre a puberdade e a virilidade e “adolescer” quer dizer “crescer durante o período da adolescência”³⁸.

Embora não seja possível fixar limites universais e exatos para a sua duração, a OMS considera essa etapa como um período da vida humana que se estende dos 10 aos 19 anos, marcado por profundas manifestações físicas e psicológicas que vão repercutir nos aspectos pessoais³⁹, familiares e sociais.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) considera criança até 12 anos e adolescentes até 18 anos⁴⁰.

A adolescência é um período de crise – um processo de desprendimento/desenvolvimento – que teve seu início com o nascimento. Para tornar-se adulto o adolescente precisa desprender-se de seu mundo infantil, caracterizado por uma relação de dependência e papéis previamente definidos. Esse período é de extrema instabilidade, produto da própria situação evolutiva e da interação do indivíduo com o meio^{38,40}.

Para os adolescentes de nossa cultura são freqüentes os períodos de *“isolamento alternados com ousadia, timidez, incoordenação, urgência, desinteresse e apatia; esses se sucedem ou são concomitantes com conflitos afetivos, crises religiosas que podem oscilar do ateísmo anárquico ao misticismo fervoroso, postulações filosóficas e ideológicas, ascetismo, masturbação e até homossexualismo ocasional”*⁴¹.

A tarefa principal do adolescente é construir um sentido de Eu (identidade) encaminhando-se para a resolução de seu papel sexual e ocupacional⁴².

Do ponto de vista psicológico, é um período crítico de definição da identidade do “eu”, cujas repercussões podem ser de graves consequências para o indivíduo e a sociedade.

Sociologicamente é o período de transição em que o indivíduo passa de um estado de dependência do seu mundo maior para uma condição de autonomia e, sobretudo, em que começa a assumir determinadas funções e responsabilidades características do mundo adulto⁴³.

É a transição entre a infância e a idade adulta, considerando esta última com a saída da casa da família de origem, a vida profissional e formação de um casal⁴⁴.

A abordagem sobre a adolescência é um grande desafio social, familiar, educacional e também para os profissionais de saúde^{41,45}.

As rápidas transformações biológicas e psicossociais colocam o adolescente frente a fatores de risco que podem comprometer seu futuro pessoal.

- **A Vulnerabilidade**

O grande contingente de adolescentes brasileiros, que segundo o Censo Demográfico do IBGE corresponde a 21,84% da população total⁵⁸, vem progressivamente apresentando maior vulnerabilidade aos agravos decorrentes de situações de risco como gravidez precoce, Doenças Sexualmente Transmissíveis-DST e Síndrome da Imunodeficiência Adquirida - AIDS, acidentes, violências, uso indevido de drogas e evasão escolar, o que justifica plenamente a necessidade de atenção integral à saúde considerada as especificidades próprias desta faixa etária.

Quanto à noção de vulnerabilidade há as diferentes situações dos adolescentes em três planos analíticos, ou seja, vulnerabilidade individual, social e programática. A primeira relaciona-se aos comportamentos e as condições do meio natural no qual ocorrem os comportamentos; a segunda, (a vulnerabilidade social), é relacionada e avaliada através do acesso à informação e aos serviços de saúde e

dos diferentes aspectos sociopolíticos e culturais e, finalmente, a terceira, (programática), refere-se ao desenvolvimento de ações institucionais, apreendidas aqui por aspectos como compromisso com a solução dos problemas expressos por autoridades locais e ações efetivamente propostas pelo Estado ^{44,45}.

O adolescente será assim finalmente reconhecido como um ser em transformação diante de valores culturais em transição. Cabe considerar que esta afirmação não é nova, pois a mudança sempre ocorreu no tempo e estar vulnerável diante de um fato ou uma situação não é uma prerrogativa do jovem, mas do indivíduo em qualquer idade. Neste momento da adolescência, porém, esta possibilidade deve ser particularmente valorizada ⁴⁶.

- **A sexualidade, a gravidez, a maternidade e a paternidade**

Os adolescentes estão vivendo, uma fase da vida, permeada por uma maior liberdade sexual, movimentos femininos, avanço da AIDS, maior consumo de drogas, novas formas de violência e empobrecimento. Estes determinantes e tantos outros fatos sociais atingem o universo do adolescente, que é um ser em formação para a vida adulta e que está construindo, através de um processo de interação entre o mundo interno e externo sua identidade.

Quanto à vulnerabilidade para a gravidez precoce de adolescentes outro estudo identificou o conhecimento sobre métodos anticoncepcionais e identificou os fatores associados ao conhecimento adequado dos adolescentes de escolas públicas e privadas. Dentre os adolescentes pesquisados, 61% eram do sexo feminino nos dois grupos de escolas, com predomínio daqueles pertencentes às camadas pobres da população nas escolas públicas e de alto poder aquisitivo nas privadas ($p < 0,001$). Cerca de 18,6% dos adolescentes nas escolas privadas e 28,6%

nas públicas tinham atividade sexual ($p < 0,002$). Quanto ao conhecimento sobre anticoncepção, 25,7% dos adolescentes das escolas públicas e 40,8% das privadas apresentaram escore superior ou igual a cinco o que significa bom conhecimento. Os fatores associados ao maior conhecimento foram: ser do sexo feminino; estudar em escola privada; estar no ensino médio; ter nível socioeconômico alto; ter relação sexual e ter maior idade⁴⁷.

Foi estudado o perfil de adolescentes com repetição da gravidez e através dos resultados concretos encontrados e de acordo com a literatura, foi possível traçar o perfil das adolescentes. Os fatores mais fortemente associados foram: menarca precoce, primeira relação sexual após curto intervalo da menarca, repetência e abandono escolar, ausência de ocupação remunerada, baixa renda familiar, envolvimento com parceiros mais velhos, residir com o parceiro, união consensual com o parceiro, parceiro fixo, baixo uso de códon, história familiar de gravidez na adolescência, ausência do pai por morte ou abandono, reação positiva da família à gravidez anterior, aborto anterior, parto anterior bem conceituado pela adolescente.⁴⁸

A trajetória escolar e a gravidez na adolescência de 4.634 jovens com idade entre 18 e 24 anos foi investigada em estudo realizado em três capitais brasileiras em 2006 e foram selecionados aqueles jovens com idade de 20 a 24 anos (65,6%), sendo a proporção de gravidez na adolescência equivalente a 29,5% para as mulheres e 21,4% para os homens (quanto às suas parceiras). A iniciação sexual precoce foi referida por 87% das moças e 95,3% dos rapazes⁴⁹.

Em relação a cogitação e a prática do aborto entre os jovens em contexto de interdição legal, os dados apontaram que 73% dos jovens consideravam a possibilidade do aborto, demonstrando uma expressiva presença da idéia desse

recurso face à gravidez não prevista, mesmo em contexto de ilegalidade⁵¹

Em outro estudo, a sexualidade e a gravidez entre jovens de camadas médias do Rio de Janeiro, Brasil, foi investigadas através de 25 entrevistas em profundidade com seis rapazes e sete moças, com idades entre 18 e 24 anos e seus pais (11 mães e 1 pai), para avaliação retrospectiva da gravidez e de seus impactos na trajetória juvenil e familiar. A gravidez na adolescência como um evento contingente ao processo de construção da autonomia pessoal em curso nessa fase da vida, no qual a sexualidade tem grande relevância⁵¹.

Sobre o aborto provocado na juventude foi evidenciado a desigualdades sociais no desfecho da gravidez (uma vez para 16,7% das mulheres e 45,9% dos homens) o aborto foi o desfecho da primeira gravidez. A inclusão dos homens na pesquisa traz novos elementos para compreensão do fenômeno do aborto, inserindo as questões de gênero no tema⁵².

Quanto a maternidade e a paternidade na adolescência, os resultados mostram que 17,9% de mulheres e 6,3% de homens tornaram-se pais antes dos vinte anos. Os jovens pais/mães apresentam baixa escolaridade e inserção precoce no mercado de trabalho. A maioria desses jovens declara renda familiar per capita de até um salário mínimo⁴⁹.

São, portanto marcas da adolescência a irregularidade, a instabilidade e a imprevisibilidade. Os sentimentos são intensos e contraditórios e isso dificulta o estabelecimento de um vínculo entre pais e filhos. Outro problema, altamente relevante, é que hoje os jovens são mais expostos aos riscos do uso de drogas lícitas e ilícitas, à violência estrutural e familiar e às infecções de transmissão sexual, incluindo o HIV/AIDS.

- **Outros fatores de risco**

No mundo todo, a violência contra a criança e o adolescente vem sendo cada vez mais conhecida e divulgada. Os maus tratos pelos próprios pais ou responsáveis vêm ganhando espaço crescente nos diversos meios de comunicação.

Violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso, físico, psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão e intimidação pelo medo e pelo terror. A violência se opõe a ética porque trata seres racionais e sensíveis, dotados de linguagem e de liberdade, como se fossem coisas, isto é, irracionais, insensíveis, mudos, inertes ou passíveis.

Foram investigados os fatores associados ao uso de drogas entre 2.410 adolescentes de escolas de ensino médio e fundamental (a partir da quinta série), com idade entre dez e 19 anos, na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul em 1998. A prevalência do uso de drogas (exceto álcool e tabaco) no último ano foi de 17,1%, após controle de fatores de confusão. Através dos dados verificou-se a associação entre uso de drogas e separação dos pais; relacionamento ruim ou péssimo com o pai; relacionamento ruim ou péssimo com a mãe; ter pai liberal; presença em casa de usuário de drogas; ter sofrido maus tratos; ter sido assaltado ou roubado no ano anterior e ausência de prática religiosa. Esta pesquisa concluiu que diversas características familiares estão associadas ao uso de drogas pelos adolescentes, fornecendo, assim, informações úteis para a compreensão integral desse problema em nosso país⁵³.

Investigou-se também o homicídio de jovens entre dez e 19 anos, ocorridos no ano de 1997; em Porto Alegre; Rio Grande do Sul. Foi utilizada a fonte de dados do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM), da Secretaria Municipal de Saúde. Os resultados mostraram que os jovens encontravam-se em

situação de vulnerabilidade social, indicada pelo alto abandono escolar (78,9%), a baixa renda per capita e a escolaridade dos pais. As situações de vulnerabilidade de gênero também estavam presentes, com predomínio de mortes no sexo masculino (91,2%) e de comportamentos de risco, sendo que 40,4% consumiam bebidas alcoólicas, 45,6% drogas ilícitas e 58,6% apresentavam história de antecedentes criminais. Este estudo aponta para a importância de ações intersetoriais dirigidas ao jovem dentro de sua família, escola e comunidade, como uma resposta às vulnerabilidades programáticas, sociais e individuais as quais o jovem encontra-se exposto⁴⁵.

Foram estudados os fatores de riscos para criança e adolescentes em ambiente familiar, associados ao alcoolismo e tabagismo com repercussão para futuras dependências, foram entrevistadas 100 famílias, na cidade de Guayaquil, Equador e o resultado mostrou que 51% dos pais possuíam baixo nível educacional, 54% tinham salário inferior ao básico e 61% faziam uso de bebidas alcoólicas⁵⁴.

Em outro estudo, investigou-se as condições ambientais de uma escola de ensino básico em Suaces III, ao noroeste da Cidade de Guayaquil, Equador, com a finalidade de identificar os possíveis fatores de riscos que contribuem para o consumo de álcool e tabagismo das crianças e adolescentes e apontar medidas de prevenção e controle dos escolares. A pesquisa mostrou que 66% deles tinha idade entre 10 e 11anos e que os principais fatores de riscos encontrados foram problemas de baixa auto estima e problemas familiares. Quanto ao uso de drogas entre os alunos entrevistados, obteve-se que 15,6% eram usuários de álcool e 13,3% de fumo⁵⁵.

Em estudo realizado no Espírito Santo em Vitória, foram pesquisados 464 adolescentes residentes na região de Maruípe, com o objetivo de descrever o

padrão de comportamento de adolescentes do sexo feminino, entre 15 e 19 anos, relacionados às práticas sexuais e uso de drogas. Os dados encontrados foram: 69,0% das adolescentes já tinham iniciado a vida sexual; 12,8% relataram história de DST; 14% o uso de drogas ilícitas e 3,7% história de prostituição. Somente 23,4% relataram uso regular de preservativos apesar de mais de 90% ter relatado acesso às informações sobre os riscos e prevenção de DST/AIDS⁵⁶.

Foi investigada a transição dos jovens para a fase adulta, analisando-se as dimensões da escola, do trabalho e da família, baseando-se na análise dos dados das Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílios (PNAD) do IBGE, de 1982 a 2002. O estudo explorou as variadas formas de transição para a vida adulta, entre os jovens que se tornaram independentes, saindo da casa dos pais na condição de chefes e cônjuges, e entre os que nela permaneceram na condição de filhos. Os resultados enfatizam uma multiplicidade de situações em que a transição pode ocorrer. Foi sugerido que os processos são marcados por trajetórias não-lineares das fases da vida, podendo, por exemplo, os filhos virem antes do casamento, o casamento antes da inserção no mercado de trabalho, e assim por diante. Na mesma direção, considera-se que essa transição pode ocorrer em novos arranjos familiares que não passem necessariamente pela saída da casa dos pais⁵⁷.

São muitos destes jovens que já vivem difíceis situações de vida pessoal, familiar e social que buscam o mercado de trabalho.

2.4 A Legislação e Programas Existentes

Muitos foram os avanços na melhoria da legislação e das políticas de saúde da criança e do adolescente nas últimas décadas, mas ainda existe no Brasil

mais de cinco milhões de crianças e adolescentes trabalhando em atividades proibidas pela legislação.⁵⁸

A Convenção de nº 138 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) recomenda que a idade mínima de ingresso no mercado de trabalho não deve ser inferior à idade em que cessa a obrigatoriedade escolar⁵⁹.

Em 2000, quando o Brasil ratificou a Convenção nº 182 da OIT e a sua Recomendação nº 190, foram intensamente reforçadas as atividades de normatização preventiva, de fiscalização das piores formas de trabalho infantil e de proteção aos trabalhadores adolescentes.

É interessante pontuar que o trabalho precoce gera conseqüências à criança e ao adolescente, em razão de sua peculiar fase de desenvolvimento, trazendo sérios distúrbios à fase adulta, ou até mesmo durante a infância.⁶⁰

A escola menorista (Código de Menores), que predominou até 1988, tratava a criança e o adolescente como objetos, deixando de existir, na sua essência, a partir da Constituição Federal de 1988, houve uma inovação trazendo a doutrina da proteção integral, estendendo às crianças e adolescente todos os direitos fundamentais, garantidos aos adultos no artigo 227. Esta Constituição de 1988, em seu artigo 7 estabelece os direitos do menor e o artigo 227, parágrafo 3º, incisos I e III regulamenta a proteção especial que se deve dar ao menor trabalhador³⁵.

A Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, no seu artigo 402 estabelece que o trabalhador menor é aquele com idade entre 12 e 18 anos. O artigo seguinte determina que o menor de 12 anos é proibido de trabalhar. Aqueles entre 12 e 14 anos devem ter garantia de freqüência à escola que assegure sua formação ao menos em nível primário e só poderão exercer serviços de natureza leve, que não

sejam nocivos à sua saúde e ao seu desenvolvimento. O artigo 405 impede o menor de trabalhar em locais e serviços perigosos, insalubres ou prejudiciais à moralidade. Finalmente e em síntese, os artigos 424 a 433 determinam que o trabalho do menor não deve comprometer seu tempo, condições de saúde, constituição física e educação moral.⁶¹

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), criado em 1990, prevê o trabalho apenas na condição de aprendiz, com monitoramento do Senai, Senac e Senar, serviços nacionais de aprendizagem industrial, comercial e rural, respectivamente, somente após os 14 anos de idade. “A adoção dos princípios protetivos presentes no Estatuto da Criança e Adolescente, trouxe uma nova visão, garantindo direitos ao livre e pleno desenvolvimento físico e psíquico, exercitando em toda a sua plenitude a convivência familiar e comunitária livre da mais absoluta exploração”⁶².

Com a implantação do Programa Internacional para a Eliminação do Trabalho Infantil da Organização Internacional do Trabalho, tem sido fortalecidas as ações nos países das Américas do Sul e Central. No Brasil entre as ações governamentais destacam-se a elaboração de um Plano Nacional de Erradicação do Trabalho Infantil, pela Comissão Nacional para Erradicação do Trabalho Infantil (Conaeti), e a publicação da primeira Política Nacional de Saúde destinada a crianças e adolescentes economicamente ativos, implementada pelo Ministério da Saúde (MS). Essa política ajudou na criação do protocolo assistencial específico, para esse grupo populacional, bem como a qualificação dos profissionais no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS)⁶³.

2.5 Escola

No Brasil, cinco milhões e meio de crianças e adolescentes (de 5 a 17 anos) trabalham, são quase trezentos mil com idades entre cinco e nove anos; dois milhões com idades entre 10 e 14 anos; oitocentos mil com 15 anos e dois milhões e trezentos mil, entre 16 e 17 anos⁷². Quase metade dos adolescentes começa a trabalhar entre os 12 e 14 anos².

Segundo o IBGE, em 2002, no contingente de crianças e adolescentes de 5 a 17 anos de idade, 12,6% eram ocupadas. Na faixa de 15 a 17 anos de idade, a parcela ocupada passou de 31,5% para 31,8%, de 2001 para 2002⁵⁸.

Esses adolescentes estão inseridos em diversos ramos de atividade produtiva tornando-se “mão-de-obra desqualificada e barata”, seja no setor primário da economia (corte de cana, sisal, extração de carvão, colheitas...); no secundário (aprendizes na indústria em geral); no terciário (boys, babás, “guardas-mirins” e “patrulheiros”, empregadas domésticas, contínuos...); na chamada “economia informal” (trabalho de rua, camelô, baleiro...); nas atividades domésticas (nas quais predominam as meninas) e até mesmo em ramos ilegais como tráfico de droga e prostituição.”^{64,65}

Cerca de 2,2 milhões de crianças e jovens no Brasil, com idade entre 5 a 17 anos, trabalhavam em 2001 em ocupações consideradas perigosas, segundo as legislações brasileiras e internacionais, sendo que 44,2% dessa população trabalhava na área urbana e 31,4%, na zona rural.⁶⁶

Inúmeras razões são usadas como argumentos para manter o trabalho infanto-juvenil, “... historicamente, criou-se o mito de que para os filhos dos mais pobres, o trabalho precoce seria uma saída para a falta de escola, de formação

profissional, de alternativa de lazer, além de representar uma ajuda na renda familiar”.⁶⁷

No entanto, trabalhar propicia o cansaço físico, pode ser determinante de um baixo rendimento escolar ou de dificuldade de aprendizagem. Está então fechado um ciclo vicioso no qual o trabalho precoce atua como determinante de um desenvolvimento psicológico deturpado pela construção de uma auto-imagem negativa e as dificuldades impostas por esse fenômeno, confirma a percepção negativa do indivíduo de si mesmo⁶⁸.

Foram estudados 208 adolescentes, na faixa etária de 14 a 18 anos, que cursavam o ensino médio em uma escola pública da cidade de São Paulo, com o objetivo de se analisar os conteúdos da representação social do trabalho entre adolescentes trabalhadores e não trabalhadores. Nas classes associadas com o trabalho, encontrou-se contradição entre o reconhecimento do trabalho como valor moral e positivo e, os problemas de uma grande carga física e psicológica precoce do adolescente trabalhador⁶⁹.

Em outro estudo que abrangeu 781 estudantes de 11 a 19 anos de duas escolas públicas de ensino médio de duas cidades do interior do Estado de São Paulo, 604 estudantes relataram possuir experiência de trabalho, destes, 47% já haviam sofrido acidentes. Entre aqueles que, no período da coleta de dados, estavam trabalhando (n = 555), 38% afirmaram ter sofrido acidentes nos postos de trabalho que ocupavam naquele momento⁷⁰.

Segundo o Ministério da Educação (2003) mostrou que 56% dos adolescentes trabalhavam mais que quatro horas por dia e mais ou menos um terço trabalhava mais de oito horas por dia, ou mais de 40 horas por semana³⁷, Estudantes do Ensino Médio que têm trabalhos de “baixa intensidade”, isto é,

trabalhos de no máximo quatro horas por dia, ou 20 horas por semana, quando chegam à faculdade aproveitam melhor o estudo, têm menos desemprego e ganham melhores salários.^{18,39}

As contradições na relação educação e trabalho são apontadas como:

O crescimento concomitante dos índices de escolaridade e de desemprego dos jovens (30%), ou mesmo a inserção deste grupo social em trabalhos precários, sobretudo, para os mais escolarizados, a proliferação do subemprego com a denominação de estágio⁷¹.

Em São Paulo, de acordo com o SEADE/DIEESE, 800 mil jovens entre 15 e 24 anos estão sem ocupação; representando metade dos desempregados da região metropolitana de São Paulo, estimada em 1 milhão e 600 mil⁷¹.

2.6 Gênero e Etnia

Dados apresentados pela OIT indicaram que 502 mil meninas e adolescentes trabalham como domésticas em casas brasileiras, não tendo tempo para brincar e relegando sua educação para segundo plano. Porcentagens apresentadas apontam que 21% destas meninas e adolescentes tinham algum sintoma ou problema de saúde relacionado ao trabalho e que 14,9% já sofreram acidentes de trabalho. Cerca de 74% estão estudando de forma irregular com alto índice de atraso escolar e 55,5% não tinham direito a férias¹.

Embora apresentando números expressivos, pondera-se que os dados oficiais, referentes ao trabalho de crianças e de adolescentes em nossa sociedade ainda são parciais, dificultando o conhecimento de suas realidades de vida e de trabalho.³²

Destaca-se, ainda, o fato de muitas ocupações exercidas por esses grupos populacionais não serem consideradas como “trabalho”, embora tenham abrangência das atividades realizadas pelos adultos (o trabalho doméstico é um bom exemplo dessa afirmativa) são denominadas como “ajuda” e portanto, não entram nas estatísticas; além disto, as proibições legais e também o caráter intermitente dessas atividades de trabalho, são fatores que dificultam a realização de pesquisas nesta área.³²

O trabalho infanto-juvenil, além de estar sujeito às críticas usuais aplicáveis a todo tipo de trabalho infantil, gera também preocupações específicas devido a pelo menos, duas peculiaridades, como a relação existente entre o empregado e o empregador no trabalho doméstico bem como não há o desenvolvimento da socialização. Em primeiro lugar:

“há evidências de que esse tipo de trabalho, pelo fato de ocorrer, em certa medida, fora do sistema econômico, tem um impacto diferente, sobre a socialização para o trabalho em relação ao exercício em estabelecimento empresarial. Neste sentido, o emprego doméstico contribui menos para a experiência do trabalhador, do que outras formas de inserção no mercado do trabalho. Em segundo lugar, esse tipo de trabalho, pelo fato de ser realizado numa residência e em geral, para um único cliente, permite que sob certas circunstâncias, uma série de abusos possa ocorrer, desde a baixa remuneração e longas jornadas de trabalho sem direito a descanso semanal remunerado, até formas mais críticas de exploração como atos de violência. De fato, o trabalho em empresas com diversos trabalhadores ou em atividades realizadas em ambientes públicos impedem que muitos abusos sejam praticados contra esses jovens trabalhadores⁷³”.

Nas pesquisas realizadas pelo Dieese em seis regiões metropolitanas brasileiras, no ano de 1998, verificou-se que negros eram mais fortemente atingidos pelo desemprego que não-negros. Em Salvador, por exemplo, a taxa de desemprego entre negros eram 45% maior que entre os não-negros. Os adolescentes negros enfrentam condições de inserção profissional desvantajosas, à semelhança do que ocorre com as demais faixas etárias⁷².

No Brasil 62,7% dos adolescentes trabalhavam sem regularização oficial. Mais da metade deste grupo era constituído por adolescentes negros (55,8%), seguidos pelos brancos, que correspondiam a 34% do total de trabalhadores entre 12 a 18 anos sem carteira assinada².

O discurso social atual sobre a desagregação do mercado formal de trabalho, que obriga a todos a garantirem quanto antes e como puderem o seu lugar ao sol, mistura-se em uma imagem turva e desesperançada, para transformar o trabalho do jovem em mais uma experiência fatalmente negativa, fruto de uma condição de vida explorada⁷⁴.

Quanto ao impacto da etnia no grupo de dez a 14 anos, os não brancos, de uma maneira geral, são menos propensos a trabalhar, mas o efeito específico sobre o trabalho doméstico inexistente. Já, entre o grupo de 15 a 17 anos, ocorre o contrário, pois não há efeitos na probabilidade de se trabalhar, em geral, mas no serviço domésticos os não brancos são mais propensos a trabalhar⁷³.

2.7 A inserção precoce no Mundo do Trabalho

No Brasil, o adolescente e a adolescência ganharam visibilidade nas políticas de saúde a partir da década de 80, com o Programa Saúde do Adolescente – PROSAD (1989) e como cidadão, com a instituição do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (1990)⁴⁰.

No que tange a área da Saúde, o Ministério da Saúde, por meio da Área Técnica de Saúde do Trabalhador (Cosat), elaborou e vem implantando uma Política Nacional de Saúde para a Erradicação do Trabalho Infantil e Proteção ao Trabalhador Adolescente. Como desdobramento dessa política, pode-se destacar a

elegibilidade de crianças e adolescentes no trabalho, como evento passível de notificação compulsória, segundo a Portaria MS/GM nº 777, de 28 de abril de 2004⁷⁵.

As transformações que têm ocorrido nas relações e na forma de inserção do mundo do trabalho devem ser consideradas a partir da intensificação do processo de globalização da economia nos anos 80 do século XX e da reestruturação produtiva iniciada nos anos 90, que aumentaram o número de desempregos, tornaram precárias as condições laborais trabalho e provocaram mudanças na inserção dos membros da família no mercado de trabalho^{75,8}.

Em decorrência destas transformações, houve também reestruturação na constituição da renda familiar, em que a sobrevivência financeira familiar depende das atividades produtivas de todos os seus membros.

O trabalho dos filhos compõe então o que faz parte do compromisso moral entre as pessoas na família: aos pais cabe o papel de dar casa e comida, o que implica retribuições por parte dos filhos. Seu trabalho ou sua ajuda são assim, formas de retribuição⁷⁶.

Nos casos em que o trabalho apenas consegue assegurar a alimentação para a sobrevivência, a educação é um luxo inacessível e o futuro torna-se sombrio³⁷.

Uma das formas mais antigas de utilização da mão-de-obra de todos os integrantes da família é o trabalho rural “... *cerca de dois terços dos trabalhadores rurais estão vinculados à agricultura familiar, que em geral ocupa toda mão-de-obra disponível na família incluindo as crianças*”⁷⁴.

O trabalho infantil-juvenil no Brasil ainda se constitui, tal como na maioria dos países em desenvolvimento, em grave problema, tanto por expor crianças e

jovens a um tipo de atividade que muitas vezes não está ao alcance de suas possibilidades físicas e mentais, quanto por dificultar a aquisição de capital humano, via escolarização⁷³.

Os fatores determinantes para o trabalho precoce foram pesquisados entre adolescentes do sexo masculino vinculados a uma instituição que media a inserção no mercado do trabalho. Os determinantes encontrados foram: pobreza, desigualdade social, concentração de renda, demanda de mercado, qualidade do ensino, constituição familiar, determinações do sistema de produção e necessidade de ganhar a vida por conta própria¹⁵.

Outra questão que merece atenção refere à complexidade dos que contribuem para a inserção precoce no mercado de trabalho. Pode ser atribuída a duas ordens de fatores: a pobreza, que obriga as famílias a adotarem formas de comportamento que incluem a oferta de mão-de-obra dos filhos menores de idade e, em especial o desemprego dos pais.⁶⁴

A OIT estima a existência, no mundo de 246 milhões de crianças menores de 17 anos trabalhando. Desse total, uma em cada oito está exposta as piores formas de trabalho infantil e infanto-juvenil, totalizando 179 milhões de crianças e adolescentes, sendo que 59 milhões deveriam ser retiradas imediatamente de seus locais de trabalho¹.

Outras importantes conseqüências destas transformações se constituem no desemprego estrutural e nas novas demandas do mercado de trabalho, que resultam na inserção cada vez mais precoce do jovem no trabalho⁶⁰. Isto ocorre através de bolsa-estágio e iniciação científica, meios estes que objetivam instrumentalizá-los para as relações sociais, a arte da negociação, o pensamento flexível e criativo, enfim, para o domínio cultural de seu tempo.

Analisando esta relação entre os processos produtivos e educacionais, no contexto da reestruturação produtiva, há um deslocamento da noção de qualificação para competências no domínio do trabalho e, paralelamente, de ensino para formação, no plano educacional. Para tanto, há fatos mais marcantes que alimentam as interrogações no domínio em questão; as taxas crescentes de desemprego, que se convertem num fenômeno de massa; o conseqüente fortalecimento de formas precárias de emprego, em ruptura com a norma legal (que, provocativamente, é descrita no plano teórico como a passagem do estudo da ilegalidade nas relações de emprego para a flexibilidade como forma de gestão da mão-de-obra) e, como corolário dos anteriores, a tendência ao alongamento temporal da escolaridade¹⁴, ou seja, os jovens após a formação acadêmica continuam seus estudos para uma maior qualificação e capacitação para facilitar sua inserção no mercado de trabalho⁷¹.

• Inserção do adolescente nos ramos produtivos e Regiões Brasileiras

No Brasil, entre as crianças economicamente ativas, 65% são do sexo masculino, 33,5% trabalha 40 horas ou mais por semana, 48,6% não têm remuneração, mais da metade utiliza produtos químicos, máquinas, ferramentas ou instrumentos no trabalho e 80% combinam o trabalho à escola⁷².

A maior parte trabalha em atividade agrícola (43,4%), mas quando se consideram as faixas etárias mais jovens estas cifras chegam a alcançar 75,9%, no grupo de 5 a 9 anos e 56% no grupo de 10 a 14 anos⁷⁷.

Convém ressaltar as peculiaridades existentes entre as várias regiões do Brasil, entre as zonas rurais e urbanas, entre as diferenças de gênero, etnia e

classes sociais quando se discute o trabalho infanto-juvenil.

Cerca de 26,5% dos trabalhadores infantis (de 5 a 15 anos) na região Nordeste estão na Bahia, o que representa aproximadamente 372 mil trabalhadores na faixa de 5 a 15 anos. Um segundo grupo com as maiores concentrações é constituído pelos estados de Pernambuco (16,71%) e Maranhão (14,19%). O restante dos trabalhadores infantis, na região Nordeste; estão assim distribuídos: na Paraíba, 7,70%; no Piauí, 7,49%; em Alagoas, 5,26%; no Rio Grande do Norte, 3,41%; e em Sergipe, 2,26%,^{75,78}.

No Nordeste brasileiro, as crianças e adolescentes estão presentes em mais de onze atividades. Destas, a colheita da cana-de-açúcar é a principal atividade. Os Estados do Ceará e Pernambuco, juntamente com o Rio de Janeiro, são recordistas na exploração de mão-de-obra infantil nos canaviais. Nesta atividade, as crianças cortam cana, suportam o peso de sacos da planta correm o risco de sofrerem mutilação. Ademais, não trabalham menos que dez horas por dia, ficam expostas ao sol e fazem o serviço sem proteção humana. O mesmo panorama descortina-se nos: sisais da Bahia, cultura de fumo em Alagoas, colheita de uva em Pernambuco e no Rio Grande do Norte, salinas do Ceará, Piauí e Rio Grande do Norte, Cerâmicas de Alagoas, Rio Grande do Norte, Bahia, Pernambuco, Piauí, Sergipe e Maranhão e nas pedreiras de Pernambuco, Alagoas, Bahia, Rio Grande do Norte, Paraíba e Piauí⁷⁸.

Na região Norte o trabalho infantil é executado, principalmente, sob a forma de atividade não remunerada (35,15%) e como empregado (27,33%) e em terceiro lugar vem o grupo dos domésticos (15,43%). Os ramos de atividades econômicas em que se encontra o trabalho infantil são: produção de farinha de mandioca, agricultura familiar, comércio ambulante, produção de carvão vegetal,

cultura da mandioca, extração vegetal, pesca, serviços em madeireiras e serrarias, catadores de lixo, serviços domésticos, feiras livres e mercados e venda de jornais⁷⁸.

Dos trabalhadores infantis da região Sudeste, 46,7% estão em Minas Gerais. São Paulo tem o segundo maior contingente, com 35% da região. Rio de Janeiro e Espírito Santo apresentam parcelas de 9,68% e 8,62%, respectivamente. Nesta região há um movimento de redução de trabalho infantil na zona rural e crescimento na área urbana. Segundo dados do PNAD de 1999 a zona rural concentrava 40,05% do trabalho infantil na região, ao passo que em 2002 essa participação caiu para 31,63%. Ao mesmo tempo, a área urbana cresceu de 59,95% em 1999 para 68,37% em 2002⁷⁸.

As atividades desenvolvidas pelo trabalhador infantil da região Sudeste encontradas variam conforme o estado. Na atividade econômica do Estado do Espírito Santo encontra-se a agricultura canavieira, catadores de lixo, comércio ambulante, serviços de engraxate, olarias, agricultura em geral, produção de carvão, sendo que a concentração do trabalho infantil rural é de 55,04% e o urbano 44,96%⁷⁸.

No estado de Minas Gerais encontra-se jovens trabalhadores nas atividades econômicas: agricultura, principalmente, nas culturas de café, cenoura, batata; panfletagem, serviços domésticos, venda de picolé, manutenção e reparação de bicicleta e motos, a concentração de grupo de trabalhadores encontra-se 54,27% na zona urbana e 45,73% na zona rural. No estado do Rio de Janeiro o trabalhador infantil está concentrado 57,91% na zona urbana e 12,09% na zona rural, estes jovens realizam coleta de material reciclável, comércio ambulante, comércio varejista, pesca, lavagem de automóveis, hotelaria, indústria noveleira e assemelhados, panificação, extração de pedras, areia e argilas, construção civil.

Como no Estado do Rio de Janeiro, São Paulo concentra 57,55% dos trabalhadores infantil na zona urbana e apenas 12,45% na rural, os trabalhadores estão inseridos em: abatedouros de aves, administração pública em geral, agricultura canavieira, atividades de lazer, comércio varejista, cultivo de flores e plantas ornamentais, fabricação de artefatos de papel, plásticos, indústria moveleira, serviços gráficos, serviços diversos, serviços gráficos⁷⁸.

Ao lado da região Sudeste, a sul é considerada a mais rica e desenvolvida, a mão-de-obra infanto-juvenil é explorada em 21 cidades. Só o Rio Grande do Sul concentra onze dessas atividades, como as extrações de acácia e ametista, pelos menores, são as que mais chocam. As crianças lavam as pedras de ametista com produtos químicos tóxicos sem nenhuma proteção, ficam expostas as fuligens de máquinas de lixar a pedra e suportam o peso de minério das minas até o local de beneficiamento. Essa mão-de-obra é usada, também, nas madeireiras de Santa Catarina e Paraná, Construção civil dos centros urbanos do Paraná e Santa Catarina, indústria moveleira e no curtume dos três estados sulinos e nos escritórios, comércios e supermercados na zona urbana dessa região⁷⁸.

Na região Sul há uma grande concentração de trabalho infantil no Estado do Rio Grande do Sul (42,07%) em relação aos demais estados do sul, sendo que Santa Catarina apresenta 21,22%; e o estado do Paraná 37,07%⁹

Na região Centro-oeste, o estado de Goiás é o que apresenta maior concentração (46,05%), seguido pelo Mato Grosso (31,29%), Mato do Grosso do Sul (19,49%) e o Distrito Federal (3,18).⁷⁸.

A exploração da força de trabalho infantil é deprimente na região Centro-Oeste. Em Goiás, os adolescentes trabalham em jornadas diárias de até dez horas na colheita do algodão, do tomate e do alho. Nas olarias e cerâmicas as jornadas de

trabalho iniciam às quatro horas da manhã. Na zona urbana de Mato Grosso, há as crianças catadoras de lixo, que brincam, comem e tiram o sustento do dia tentando separar o lixo reciclável para venda. No Mato Grosso do Sul as carvoarias batem recorde na exploração do trabalho infanto-juvenil⁷⁸.

Em todas as unidades federativas do Brasil encontra-se crianças e adolescentes em atividades ilícitas como a exploração sexual, tráfico de drogas, segundo dados do Centro de Referência, Estudos e Ações sobre crianças e Adolescentes (CECRIA) com apoio da OIT e OEA, que enumera 241 rotas utilizadas para o tráfico de mulheres, crianças e adolescentes com fins de exploração sexual comercial, passando por 20 estados brasileiros, sendo dessas 131 rotas internacionais. Sabe-se que diariamente jovens e crianças de ambos os sexos são afastadas de suas famílias e comunidades para serem exploradas sexualmente em práticas de turismo sexual e outras violências.^{75,78}

A questão da violência é também representada pelas empresas que empregam mão-de-obra infanto-juvenil, particularmente as que têm pequena capacidade econômica e, em consequência, uma reduzida capacidade de investimentos em máquinas e equipamentos modernos; portanto, esses trabalhadores utilizam ferramentas de trabalho obsoletas e sem proteções e manutenções necessárias para a execução de um trabalho seguro e saudável, além de disporem de uma reduzida capacidade de investimento na melhoria das condições de segurança e saúde.

Além disso, determinadas empresas não dispõem de condições de organização do trabalho adequadas à execução de tarefas de forma segura e saudável, tendo como consequência excessiva carga física e psíquica expondo-os às doenças, acidentes do trabalho e de deformidade físicas, envelhecimento

precoce, retardo no crescimento e desenvolvimento psicológico, abandono da escola e baixa qualificação profissional.

Crianças e adolescentes vivem um processo dinâmico e complexo de diferenciação e maturação. Precisam de tempo, espaço e condições favoráveis para realizar sua transição, nas várias etapas, em direção à vida adulta.⁷⁴

A exaustão corporal provocada por uma carga de trabalho além do suportável pelo organismo do indivíduo como fadiga ocupacional, muscular, visual associada a um aporte nutricional insuficiente, parecem ser os fatores precipitantes para o desenvolvimento de patologias⁷⁹.

O Índice de Capacidade para o trabalho – ICT - e o estilo de vida de 20 adolescentes de uma empresa de telecomunicações da cidade de Campinas foi avaliado, a média de horas sono durante a semana era 6.2 horas e nos finais de semana foi 9.7 horas. O ICT foi 5% moderado, 40% era bom e 55% excelente⁶.

Pesquisa investigou as crianças e adolescentes que trabalham mais de duas horas por dia e apresentam prejuízo no desempenho escolar. Depois disso, a perda de rendimento cresce a cada hora adicional de trabalho. Os estudantes que apenas freqüentam a escola aprendem mais quando comparados com os que estudam e trabalham. O pesquisador utilizou dados do Sistema Nacional de avaliação da Educação Básica (Saeb), do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep). Este conjunto de indicadores disponibiliza resultados de testes de língua portuguesa e de matemática aplicados em escolas públicas e privadas em todo país. Foram cruzados dados referentes a 2003 de aproximadamente 300 mil alunos da 4ª e da 8ª série de ensino fundamental e da 3ª série do ensino médio. O estudo consolida um dado importante em termos nacionais: há uma considerável quantidade de adolescentes que trabalha e estuda ao mesmo tempo. Isso apesar da

existência do Estatuto da criança e do Adolescente, que determina idade mínima de 16 anos para o trabalho, liberando os indivíduos maiores de 14 anos para atuar apenas na condição de aprendizes⁸⁰.

A literatura aponta pesquisas, realizadas no Brasil e no exterior, que apresentam resultados que confirmam a situação apresentada até então, com todos os agravantes e complexidade de acontecimentos engendrados por ela.

Pesquisadores em Washington, EUA, estudaram 17.800 adolescentes trabalhadores com idade de 11 anos à 17 anos, por um período de quatro anos (1988-1991), sendo encontradas três mortes ocupacionais, 22 amputações e 464 fraturas; 89% dos acidentes ocorreram entre os jovens de 16 à 17 anos⁸¹.

Foi realizado um estudo nos Estados Unidos e Canadá que investigou 1138 crianças e jovens de sete a 16 anos que trabalhavam em fazendas. Como resultados, foram encontrados 2389 tipos diferentes de atividades, sendo que 498 delas envolviam trabalhos com trator. Foram identificadas, também, porcentagens significativas de crianças que trabalhavam em atividades com este veículo e que possuíam idade inferior aquela recomendada pelas normas norte americanas para as tarefas de crianças trabalhadoras na agricultura⁸².

Como toda realidade não apresenta apenas uma faceta, mas sim uma complexidade de visões e perspectivas, é possível encontrar, além das investigações realizadas que sinalizam os prejuízos causados pela inserção precoce de crianças e adolescente no mundo de trabalho, outras que apontam alguns benefícios causados por esta inserção apresentada a seguir, descreve os aspectos positivos e benéficos da entrada precoce de adolescentes na força de trabalho, no sentido de contribuir para seu crescimento como pessoa e cidadão, incorporando sentimentos de auto-estima e de realização à personalidade¹⁷.

Um estudo realizado nos Estados Unidos mostrou que os alunos do ensino médio que trabalham no máximo quatro horas por dia, ou 20 horas por semana, quando chegam a faculdade aproveitam melhor os estudos, têm menos desemprego e ganham melhores salários.⁸³

Destaca-se, entretanto, que apesar da existência de pesquisas, como a mencionada anteriormente, as quais evidenciam os aspectos positivos da inserção precoce de jovens no mercado de trabalho, acredita-se que este amadurecimento e fortalecimento de sua personalidade poderiam ocorrer, talvez, de maneira menos traumática, também no ambiente escolar e familiar, não sendo necessário, deste modo, que os jovens sejam inseridos tão precocemente no mercado do trabalho.

2.8 Histórico e descrição da entidade que prepara o adolescente para as empresas parceiras

Com a criação do ECA as cidades passaram a criar programas que incluíam adolescentes protegendo-os contra ao trabalho precarizado.

Uma das primeiras iniciativas foi realizada na cidade de Sertãozinho, São Paulo, com a criação da Associação de Assistência e Proteção ao Adolescente Trabalhador ADOT; fundada em 22 de outubro de 1991 com objetivo de retirar os jovens da cultura da cana de açúcar predominante naquela região do Estado de São Paulo. O objetivo desta organização não governamental foi de desenvolver ações junto aos adolescentes das classes populares dando-lhes formação técnico profissional, orientação educacional, cultural e esportiva, defender seus direitos trabalhistas e previdenciários e auxiliar no cumprimento das relações de trabalho,

em conformidade com as disposições do ECA⁸⁴.

Em Itajaí, Estado de Santa Catarina; temos o Programa de Inserção do Adolescente no Trabalho (PIAT), além das orientações e encaminhamentos para vagas de emprego; o programa oferece aos adolescentes cursos de qualificação profissional⁸⁵.

O patrulherismo foi idealizado em setembro de 1960, na cidade de São Carlos, quando o Juiz de Direito, Dr. Marino da Costa Terra, e sua esposa a pedagoga Ophélia Pierroti Costa Terra, baseados no Código de Menores vigente na época e fundamentados nos princípios da educação bem dirigida, do trabalho bem orientado e da recreação sadia, elaboraram um programa socioeducativo com o objetivo de promover a inserção dos jovens carentes na sociedade com o apoio de seus familiares e da comunidade⁸⁶.

Em Campinas, em seis de maio de 1966, é criada a entidade “Patrulheiros Mirins de Campinas”, sediada no porão do Palácio da Justiça. Em 1973 é instalada no Instituto Modelo, na Vila Marieta, a entidade que recebeu o nome de “Círculo de Amigos do Menor Patrulheiro de Campinas – Patrulheiros Campinas”, finalmente, em 1979 é inaugurada a atual sede, localizada na Avenida das Amoreiras, nº. 906, no Parque Itália⁸⁶.

O “Patrulheiros” Campinas é uma organização constituída na forma de sociedade civil, que atende os adolescentes em situação de vulnerabilidade socioeconômica, de 16 a 18 anos, sem distinção de raça, sexo, visão política ou crença religiosa e tem como característica marcante a promoção humana e social. Os adolescentes encontram nesse modelo valores essenciais como educação, trabalho ética, auto-estima e responsabilidade⁸⁶.

Diante das novas exigências legais, no dia 19 de dezembro de 2000 foi

promulgada a “Lei do Aprendiz” sob o nº. 10.097, regulamentada em 1º de dezembro de 2005 pelo Decreto nº. 5.598⁸⁶.

A Lei de Aprendizagem determina que as empresas de quaisquer segmentos tenham em seu quadro funcional de 5% a 15% de jovens entre 14 e 24 incompletos, dando-lhes a oportunidade de aprender uma profissão e colocá-la em prática⁶⁷⁹⁶.

O “Patrulheiros” Campinas formulou, neste contexto, seu projeto pedagógico de Aprendiz de Auxiliar Administrativo, destinado a jovens de 16 a 18 anos, reforçando as atividades com as famílias e empresas parceiras, estreitando ainda mais tais relacionamentos. Esse projeto foi aprovado no dia 09 de novembro de 2.005 pelo Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente – CMDCA Campinas⁸⁶

A jornada de trabalho dos aprendizes, que estiverem cursando ensino médio, não poderá ultrapassar oito horas diárias, dentro das quais deverão estar computadas as de ensino teórico-simultâneo⁸⁶.

Ao ingressar no “Patrulheiro Campinas”, os jovens iniciam o curso de Aprendiz de Auxiliar Administrativo com duração aproximada de três meses. Nele os adolescentes aprendem:

- - Introdução à Filosofia do Patrulherismo;
- - Noções de Direito e Cidadania;
- - Psicologia de Relações Humanas;
- - Música;
- - Educação Física;
- - Noções de Saúde, Higiene e Segurança do Trabalho;
- - Iniciação em Serviços Administrativos;

- - Recursos Humanos;
- - Qualificação Profissional;
- - Empregabilidade;
- - Novas Tecnologias da Informação;
- - Comunicação e Expressão e Matemática Básica.

Posteriormente, os jovens são registrados em Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS), como Aprendiz de Auxiliar administrativo, sendo encaminhados às empresas parceiras para dar continuidade ao processo de aprendizagem, que se estende por mais dois anos, contendo ensinamentos teóricos concomitantes com a prática. Tal processo é acompanhado e analisado constantemente, podendo, assim, avaliar a evolução dos adolescentes, tanto na escola quanto no mercado de trabalho⁸⁶.

Quanto aos direitos trabalhistas e previdenciários os aprendizes têm registro e anotação na Carteira de Trabalho e Previdência Social, remuneração de um salário mínimo mensal, Fundo de Garantia por Tempo de Serviço – FGTS de 2%, 13º salário, 30 dias de férias, vale transporte, refeição ou vale refeição⁸⁶.

O programa educacional é direcionado à assistência social, que proporciona ao adolescente segurança e apoio para colocar em prática seu potencial criativo e suas habilidades. Além disso, desperta no adolescente a consciência de ser cidadão, com direitos e deveres, contribuindo para a formação de um indivíduo participativo na sociedade em que vive.

Em seus 40 anos de assistência a entidade já atendeu cerca de 50 mil adolescentes. Muitos destes são hoje profissionais altamente qualificados e reconhecidos por sua competência⁸⁶.

Parte destes adolescentes, inseridos como aprendizes no quadro de empregados e estagiários na empresa de tecnologia da informação, são o objeto de estudo desta pesquisa.

3 HIPÓTESES E OBJETIVOS

Diante do exposto até então, as hipóteses levantadas para este estudo são

que o trabalho realizado pelos adolescentes trabalhadores-aprendizes da empresa de tecnologia da informação oferece perspectivas futuras quanto a possibilidade de continuação do estudo através do ingresso em faculdade e que a inserção precoce ao trabalho ocasiona agravos à saúde dos jovens-aprendizes.

Geral

Identificar as características do trabalho precoce dos adolescentes no setor industrial de Campinas

Específicos

Identificar:

- a causa de ingresso no trabalho destes adolescentes.
- os agravos à saúde decorrentes do trabalho.
- as suas perspectivas de futuro quanto ao trabalho.

4 MATERIAL E MÉTODO

4.1 Natureza do estudo

Trata-se de um estudo de caso, com abordagem qualitativa, descritivo, com interesse na história de saúde e nos hábitos de vida de um grupo de adolescentes de uma empresa de tecnologia da informação na cidade de Campinas, Estado de São Paulo.

Deste modo, foram tomados como base os estudos que afirmam que:

“O estudo de caso é o estudo de um caso, seja ele simples e específico (...). O caso é sempre bem delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos no desenrolar do estudo. O caso pode ser similar a outros, mas é ao mesmo tempo distinto, pois tem um interesse próprio, singular. (...) se destaca por constituir numa unidade dentro de um sistema mais amplo. O interesse, portanto, incide naquilo que ele tem de único, de particular, mesmo que posteriormente venham a ficar evidentes certas semelhanças com outros casos ou situações⁸⁷”

O estudo de caso não é uma escolha metodológica, mas a escolha do objeto a ser estudado⁸⁸. Ele é definido pelo interesse do investigador em casos específicos e não pelos métodos de investigação usados. Tem características fundamentais que são destacadas⁸⁷:

- O pesquisador busca sempre descobrir novas respostas e novos questionamentos durante o desenvolvimento do estudo;
- Dá ênfase na análise dos dados considerando o contexto. Para melhor apreender e compreender o objeto, o contexto no qual ocorre a experiência é levado em conta;
- Retrata a realidade completa e profunda. O pesquisador revela as várias dimensões que envolvem a situação estudada;
- Utiliza variadas fontes de informações pelo pesquisador, coletadas em diferentes situações e com uma variedade de tipos de informantes;

- O estudo de caso permite generalizações naturalísticas. Desta forma, o leitor ou o sujeito que vivenciou experiência semelhante encontra pontos de identificação ou mesmo confirmação com as experiências reveladas na pesquisa.
- Apresenta pontos de vista diferentes ou conflitantes com a situação social estudada. O pesquisador procura trazer para o estudo tais pontos, revelando ainda o próprio ponto de vista sobre a questão. A realidade pode ser vista sob diferentes perspectivas, não havendo a mais verdadeira.

Portanto uma pesquisa é sempre, de alguma forma, um relato de uma longa viagem empreendida por um sujeito cujo olhar vasculha lugares muitas vezes já visitados. Nada de absolutamente original, portanto, mas um modo diferente de olhar e pensar determinada realidade a partir de uma experiência e de uma apropriação do conhecimento que são, aí sim, bastante pessoais⁸⁹.

O interesse do pesquisador volta-se para a busca do significado das coisas, por que este tem um papel organizador nos seres humanos. O que as coisas (fenômenos, manifestações, ocorrências, fatos eventos, vivências, idéias, sentimentos, assuntos) representam, dá molde à vida das pessoas. Num outro nível, os significados que as “coisas” ganham, passam também a ser partilhados culturalmente e assim organizam o grupo social em torno destas representações e simbolismos⁹⁰

4.2 Local do estudo

- **Campinas**

Fundada em 14 de julho de 1774 e com aproximadamente 1 milhão de habitantes esta cidade possui 210.371 mil encontram-se faixa de idade de cinco a 17 anos. Na atualidade ocupa uma área de 801 km, possui destacados centros de pesquisa e desenvolvimento científico, três grandes universidades a saber: Universidade de Campinas – UNICAMP, Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUCCAMP, Universidade Paulista – UNIP e indústrias de tecnologia de ponta⁹¹.

É também sede de uma região metropolitana que concentra 10,26% do Produto Interno Bruto – PIB do estado de São Paulo e abriga, em 19 municípios, cerca de 2,3 milhões de pessoas, 7,5% da população do Estado. Só em Campinas estão 41,5% desse contingente populacional. O potencial científico e tecnológico de Campinas e cidades vizinhas atrai 16% dos investimentos destinados ao Estado de São Paulo, o que se reflete fortemente no desenvolvimento econômico regional⁹¹.

Nem todos os indicadores são positivos. Como toda grande concentração urbana do país, Campinas também exhibe graves problemas dentro e fora de seus limites municipais. O levantamento mais recente mostra que a região tem 218 mil desempregados, sendo que de 90 mil desse contingente está em Campinas, o que representa 19% da população economicamente ativa, na faixa de 22 a 40 anos de idade. Um sintoma dessa situação são os 160 mil favelados existentes no município⁹¹.

- **A empresa**

O campo de pesquisa deste estudo foi uma empresa de alta tecnologia, que até 1998 foi uma estatal de telecomunicações vinculada ao Ministério das Comunicações e foi privatizada juntamente com as Telecomunicações Brasileiras – TELEBRÁS, na política de privatizações das Estatais brasileiras. Esta empresa tornou-se então uma fundação de direito privado como uma alternativa para tentar sobreviver à privatização, à globalização e à concorrência acirrada do mercado de telecomunicações e da tecnologia da informação.

A Fundação ocupa uma área física de 360.000m², com 50.000m² de área construída, possui uma infra-estrutura com três agências bancárias, uma agência de viagem, duas locadoras de carros, uma biblioteca, três restaurantes e um clube recreativo. Existe um controle de acesso de trabalhadores e de pessoas externas a empresa, para preservar o sigilo empresarial e a segurança física dos empregados e do patrimônio intelectual e físico. Há um Serviço de Saúde Ocupacional, que pertence a fundação, ao qual tem acesso os trabalhadores, estagiários e os adolescentes trabalhadores. Nesta área estão localizadas, também, seis empresas do ramo da tecnologia da informação.

O número de empregados da empresa estudada é de 1.180 pessoas.

Ao longo de sua trajetória, a empresa de tecnologia da informação sempre desempenhou um papel estratégico no setor das telecomunicações. Nos primeiros anos de sua existência, voltou-se prioritariamente para as tecnologias emergentes, pesquisando, desenvolvendo e transferindo para a indústria diversos produtos com tecnologias de ponta.

Entre 1976 e 1998, a empresa contribuiu para a criação de uma "inteligência nacional", ou seja, grupo de pesquisadores das universidades

brasileiras, nas áreas de telecomunicação e tecnologia da informação.

Esta instituição investe fortemente no desenvolvimento de soluções que agreguem valor aos negócios de seus clientes. Como pólo de desenvolvimento tecnológico, colabora na criação da infra-estrutura interna de telecomunicações, inserindo o Brasil no mercado global e beneficiando toda uma geração de brasileiros.

Em 2000, passou a participar mais fortemente do competitivo mercado internacional como provedor de soluções de tecnologia de convergência, ocupando uma posição de destaque no cenário global das inovações tecnológicas.

Ela investe fortemente na busca de novos negócios em outros mercados (energia, financeiro, governo, etc) que contemplem as múltiplas áreas do conhecimento tecnológico. Nesse sentido, tem como um de seus objetivos estratégicos conseguir a integração de sua capacitação com as necessidades desses novos mercados.

Esta empresa tem convênio com uma entidade educacional para adolescentes, localizada na cidade Campinas. A entidade educacional em questão foi fundada em 1966 por um juiz de direito da 1ª Vara Criminal de Menores conhecida como Juizado de Menores, com o objetivo de formalizar o aprendizado profissional do jovem, preparando-o para o mercado do trabalho. A entidade educacional possui atualmente 1.500 aprendizes em regime de profissionalização em centenas de empresas de Campinas, sendo 26 empresas de grande porte.

Desde o seu surgimento, a empresa trabalha na geração, exploração e difusão de tecnologias que aceleram a integração de pessoas, empresas e instituições. Para tanto, atua em diversas áreas, desenvolvendo soluções personalizadas, suprimindo necessidades de organizações de distintos setores da

economia.

As soluções da empresa em Sistemas de *Software*, Serviços Tecnológicos e Tecnologia de Produtos aplicam-se a Operações e Negócios, Serviços e Aplicações, Redes de Telecomunicações, *Wireless*, Comunicações Ópticas, Certificações e Ensaios e Calibrações.

Percebe-se que a instituição estudada procura desenvolver suas atividades com responsabilidade ambiental, promovendo a melhoria nos seus processos, no seu sistema de gestão e no meio ambiente do trabalho. Atua na prevenção da poluição, procura atender a legislação e normas ambientais aplicáveis, promover o uso racional de recursos naturais, e tratar de forma adequada o descarte de materiais poluentes, promovendo a conscientização e envolvimento de seus empregados e prestadores de serviço para que atuem de forma ambientalmente correta.

Na privatização ocorrida em julho de 1998, a fundação contava com 870 empregados e encerrou o exercício de 2007 com 1.100 colaboradores. A distribuição destas pessoas está em três áreas distintas: tecnológica que concentra o maior número de pessoas (74%), seguida da área de suporte (15%), gerencial (9%) e comercial (2%).

A empresa procura valorizar o capital humano e tem como princípio o respeito à diversidade, neste sentido não adota postura discriminatória de qualquer natureza, investindo em programas de desenvolvimento profissional e organizacional, por meio do incentivo a participação de seus empregados em programas de pós-graduação, lato e *strictu sensu*, bem como em cursos de graduação e técnico. A constante instrumentalização do corpo gerencial através de ferramentas de gestão objetivam a reflexão do papel gerencial no contexto do

desenvolvimento da organização.

A empresa capacitou 77 empregados no MBA Gestão Empresarial e para a formação de “Cérebros Obras”, como é chamado o programa educacional voltado à formação complementar de estudantes de nível técnico e superior e menores aprendizes. Este programa prevê estágios e foi criado com o objetivo de propiciar a vivência prática em situações reais de trabalho para a formação complementar de estudantes de universidades públicas e/ou privadas, oferecendo-lhes às oportunidades de formação e aperfeiçoamento profissional. Mantém convênio com mais de 50 universidades e em 2006, contratou 57 estagiários, após terem concluído o programa de estágio, representando 54% do total de novos empregados contratados.

Em parceria com os “Patrulheiros de Campinas” é desenvolvido um programa para o ingresso do jovem ao mercado do trabalho, sem comprometer os seus estudos e contribuindo para o seu desenvolvimento pessoal. São empregados cerca de 30 menores, de 16 a 18 anos, que recebem aprendizado em diversas áreas da organização. O programa abrange acompanhamento escolar, palestras, eventos culturais e orientações para inserção no mercado do trabalho. Há um trabalhador da empresa designado como Gestor entre a instituição e os patrulheiros, que é a pessoa a qual determina o local onde o adolescente irá trabalhar e quem será seu supervisor e responsável.

A presença de crianças e adolescentes na empresa existe desde 1977, quando os menores ingressavam com a idade de 12 anos e ficavam até completar 18 anos, e as suas atividades eram administrativas e também as socioculturais. Com a implantação do Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990, os aprendizes passaram a receber todos os benefícios previstos nesta legislação⁴⁰.

Atualmente o número de aprendizes na organização é de 29 jovens, inicialmente era de 67 aprendizes e com a privatização ocorrida em 1998 e a reestruturação produtiva à qual a empresa se submeteu para sobreviver no mercado capitalista e competitivo, houve uma diminuição de postos de trabalho e não havia mais necessidade deste número de aprendizes, pois muitos deles ficavam ociosos e não agregavam nenhum conhecimento.

Na empresa, se a equipe de trabalho em que o aprendiz está inserido o acolhe, orientando-o e ensinando-o, há uma grande probabilidade de seu crescimento e aproveitamento no futuro como estagiário.

4.3 Sujeitos do estudo

A pesquisa contou com a participação 29 adolescentes, com idade entre 16 a 17 anos e 11 meses que trabalham na empresa como aprendizes e 28 jovens maiores de 18 anos que foram aprendizes e atualmente são estagiários da empresa.

4.4 Procedimentos de Coleta de Dados

Antes de iniciar a coleta de dados, todos os participantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa e a necessidade de gravação da entrevista.

A coleta de dados com os **adolescentes trabalhadores (aprendiz)** foi realizada em uma sala de reunião dentro da empresa estudada através de:

1. entrevista individual com os sujeitos utilizando a seguinte pergunta norteadora “Conte como foi começar a trabalhar”;
2. visitas de observação aos locais de trabalho dos entrevistados e
3. registro das observações em um diário de pesquisa, para poder compreender as dinâmicas operacionalizadas nesses diversos espaços.

Além disso, as informações foram complementadas através de um diálogo que a pesquisadora teve com o gestor do programa e supervisor dos adolescentes para entender os processos de contratação e desenvolvimento desses jovens durante a sua permanência na empresa.

Foi realizado o mapeamento da intensidade das ações e do sentido dos discursos vinculados às ações desses sujeitos, tendo a preocupação com “o significado que têm as ações e os eventos para as pessoas ou os grupos estudados”⁸⁷

A entrevista com **os aprendizes egressos**, ou seja, as pessoas que anteriormente haviam sido aprendizes, também foram individuais e realizadas nas dependências da empresa, em uma sala de reunião, após concordância dos mesmos. Utilizou-se a seguinte pergunta norteadora “Conte como foi começar a trabalhar”.

A coleta de dados foi realizada em abril de 2008.

Aspectos Éticos da Pesquisa

O projeto foi executado de acordo com os preceitos da resolução 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde. Tanto para os adolescentes aprendizes como para aprendizes egressos, antes da entrevista, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme preconizam as normatizações

nacionais (Anexos I e II). Foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, pelo tendo sido protocolado pelo nº 0855/2007. (Anexo III).

Crítérios para Inclusão

- **Adolescentes aprendizes**

Foram incluídos todos os sujeitos que estiveram presentes no período da coleta de dados, isto é, os que não estiveram no período de férias, licença médica ou em outra atividade que impeça sua participação na coleta de dados, bem como os que se recusara a participar do estudo.

- **Aprendizes egressos**

Foram incluídos todos os sujeitos que concordaram em participar da entrevista, agendando-se dia e hora com pesquisador, após convite telefônico e prévio agendamento e que compareceram na data marcada.

4.5 Procedimento de Análise dos Resultados

O tratamento dos dados coletados iniciou-se pela transcrição das gravações.

Sabe-se que ao se transcrever o conteúdo das entrevistas gravadas descrevemos as situações, procurou-se estabelecer vínculos entre elas (pontos de aproximação e discordâncias) compreendendo-as e revelando os seus múltiplos significados. Cada uma das entrevistas recebeu um relatório específico, que incluía

elementos implícitos não detectáveis pela transcrição, tais como silêncios significativos, ironias presentes nos tons de voz, contradições e ambigüidades significativas⁸⁷.

O objetivo da análise do conteúdo é compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas⁹².

Após a transcrição das falas dos sujeitos, realizou-se a leitura exaustiva do material transcrito e as falas foram agrupadas em tópicos semelhantes ou por destaques. Foram encontradas estruturas semelhantes que refletiam o conjunto das relações existentes nas falas, importantes ao sujeito do estudo. Com síntese dos resultados pudemos estabelecer os principais núcleos encontrados através do cruzamento das informações dos entrevistados a fim de que fosse possível estabelecer as relações entre o referencial teórico e a realidade observada.

A seguir apresentamos a análise e discussão dos resultados obtidos para, assim, atingir-se os objetivos propostos. As falas dos sujeitos foram identificadas por: “**A**” para os **adolescentes-aprendizes**; “**E**” **aprendizes-egressos**.

5 RESULTADO E DISCUSSÃO

Com o intuito de compreender os significados atribuídos por um grupo de

sujeitos em uma empresa de tecnologia da informação, sobre a inserção precoce de adolescentes no mundo do trabalho foram coletados dados nas entrevistas realizadas e nas observações de campo, que foram posteriormente comparadas ao referencial teórico existente na literatura.

Para uma melhor compreensão da análise dos dados coletados, primeiramente apresentaremos as características dos sujeitos do estudo e, a descrição dos postos de trabalhos ocupados pelos aprendizes.

A seguir discuti-se os dados coletados nas entrevistas agrupando-os quanto aos objetivos propostos pelo estudo, conjuntamente com os núcleos encontrados e organizados a partir dos depoimentos dos entrevistados que foram:

“A opção pelo trabalho”,

“As alterações físicas e mentais em decorrência do trabalho” e

“Estudo, carreira e futuro”.

No sentido de complementar a pesquisa, elaborou-se um texto a partir do diálogo com o gestor e os supervisores da empresa estudada nos postos de trabalho.

5.1 Características dos sujeitos

Foram sujeitos desta pesquisa 29 adolescentes, com idade entre 16 a 17 anos e 11 meses, sendo 15 do sexo feminino e 14 do masculino e 28 jovens maiores de 18 anos que foram aprendizes e atualmente são estagiários da empresa, um gestor do contratado com 55 anos e 28 supervisores dos aprendizes, dos quais 20 são do sexo feminino e oito do masculino; na faixa etária entre 22 e 58 anos. O

número de sujeitos participantes foi suficiente para garantir a reincidência e saturação das informações contidas nas entrevistas.

Os adolescentes aprendizes cursam o ensino médio e dos jovens maiores de 18 anos 25 deles cursam o ensino superior e cinco não estudam. O gestor e os supervisores possuem ou estão cursando o nível superior.

O salário dos aprendizes é de \$ 415,00 mensais e todos utilizam o transporte fretado da empresa estudada. Os estagiários recebem \$5,55 por hora trabalhada no primeiro de faculdade, no segundo ano \$5,88; no terceiro 6,58 por hora nos cursos com enfoque em tecnologia da informação e \$6,23 nos demais cursos universitários e no último ano \$ 7,76 por hora nos cursos com enfoque em tecnologia da informação e nos demais curso superiores \$ 6,98 por hora.

Quanto ao transporte utilizado por este grupo de pessoas é que 90% deles utilizam o ônibus fretado e os 10% restantes utilizam o próprio veículo.

O salário do gestor e dos supervisores está na faixa salarial de quatro e 20 salários mínimos mensais, destes dez utilizam o veículo próprio para trabalhar e os demais utilizam o ônibus fretado da instituição, mesmo o que utilizam o transporte coletivo, também possuem veículo próprio.

No momento das entrevistas buscamos valorizar efetivar a interação entre o pesquisador e depoentes envolvidos no trabalho de forma que realmente nos permitisse a apreensão da realidade a ser pesquisada. De um modo geral os sujeitos demonstraram-se receptivos e abertos a responder às questões apresentadas, permitindo a gravação das suas falas. As entrevistas foram gravadas com a sua anuência.

5.2 Descrição dos Postos de trabalho dos aprendizes

Estes adolescentes estão inseridos em postos de trabalhos desenvolvendo atividades de auxiliares administrativos de suporte as secretárias (80%), em alguns em áreas de conhecimento específicos como na Biblioteca, Ambulatório Médico, Auditório e Anfiteatros, Portaria e recepção, Editora, Almoxarifado, Editora e Comunicação com o mercado. Os que trabalham na empresa já possuem em seu currículo *vitae* cursos e são diferenciados no modo de falar e portar-se.

Quando indagamos ao gestor se havia uma seleção prévia com requisitos necessários para contratação destes jovens ele respondeu negativamente informando que o jovem designado pelos “Patrulheiros de Campinas” era sempre aceito e o que ele escolhe é o sexo, pois determinadas unidades administrativas da empresa tem preferência por determinado sexo. Segundo o Gestor até hoje a experiência com os aprendizes tem sido positiva.

Para um melhor entendimento das atividades desenvolvidas por estes aprendizes descreveremos os seus postos de trabalho bem como as suas tarefas. Há uma orientação a todos os empregados para que os menores não façam serviços particulares tais como serviços bancários, compra de lanches nas lanchonetes ou revistas na banca.

Os **postos de trabalho** em que os adolescentes-aprendizes e as **atividades que desenvolvem** são:

1) Sala das Secretárias – compõe o ambiente: uma mesa, uma cadeira, um microcomputador, um ramal telefônico. As atividades desenvolvidas são:

a) Malote – transporte de documentos de um prédio a outro ou no mesmo prédio. A distância percorrida pelos jovens varia de 100 até 1.000m

dependendo do local em que se deslocam. Esta função é desempenhada normalmente duas vezes ao dia, no período da manhã e no vespertino. Se houver alguma intercorrência o aprendiz poderá fazer este percurso várias vezes ao dia, principalmente como relatou um menor “Aqui na presidência tudo é urgente, tenho que andar muito” (17 anos – feminino);

b) Atendimento a equipe – é solicitado a auxiliar algum dos membros da equipe no desempenho de suas tarefas, como organizar e distribuir correspondências, conferência, passar fax, servir água ou café para gerência, na ausência da secretária;

c) atendimento de telefone – os patrulheiros que trabalham diretamente com as secretárias atendem todas as ligações que chegam para o gestor ou para secretária, bem como os ramais que são transferidos para o seu telefone na ausência temporária de algum empregado,

d) acesso aos sistemas integrados da empresa – por ser uma empresa de tecnologia da informação todos os controles administrativos, financeiros, reuniões são realizados através da rede interna existente, as secretárias e ou as assistentes administrativas ensinam e permitem o acesso a este sistema para os aprendizes, que realizam as seguintes operações: agendamento de viagens áreas e terrestres nacionais, acerto de contas quando os empregados trabalham em outras localidades e solicitação de compra de materiais de escritórios;

e) arquivo – na área econômico-financeira, almoxarifado, recursos humanos, editora e jurídica há um grande fluxo de documentos para arquivamento com fins legais e de fiscalização. Observamos nas visitas aos postos de trabalho que a função de secretária está sendo reduzida, isto é, anteriormente cada gerente possuía sua secretária; atualmente encontramos apenas gerentes de alto escalão

com secretárias e estas atendem não só o diretor, mas também todos os empregados da diretoria. Os cargos de secretárias são ocupados, na maioria das vezes por estagiárias.

2) Portaria e Recepção – este local de trabalho contém apenas uma cadeira para o aprendiz e ele não tem acesso aos recursos de informática, só quando está substituindo a recepcionista. Há um grande fluxo de visitantes; em média 300 pessoas por dia; entrada de materiais e notas fiscais. O sistema de controle bens e serviços inicia-se na portaria. O trabalho dos menores consiste em levar os visitantes até os prédios em que deverão permanecer.

A empresa conta com uma área de 360.000 m² sendo 50.000 m² de construção, o aprendiz só leva os visitantes em um raio de 300 metros e o restante dos visitantes que vão a prédios mais distantes são transportados por um veículo que faz a circulação interna. Em geral os jovens ficam neste posto por seis meses e, após são transferidos para outros setores.

3) Ambulatório Médico – neste local a aprendiz desempenha a função de recepcionista e secretária, o seu posto é composto por uma mesa, uma cadeira, um armário, um microcomputador, um suporte para os pés e telefone modelo “KS” que atende todas as ligações que chegam e transfere para os demais empregados do Ambulatório. Suas atividades consistem em: recepcionar as pessoas que chegam, encaminhando-as: para consultas de enfermagem ou médicas, exames laboratoriais de admissionais, periódicos. Realiza controle da agenda dos exames ocupacionais pessoalmente, bem como por telefone ou eletronicamente e das terapias alternativas. Requisita e controla os materiais de escritório, impressão de manuais explicativos, monta e arquiva os prontuários dos empregados e estagiários. Faz malote. Até o ano de 2002 a função que atualmente é desenvolvida pelo aprendiz

era desempenhada por uma secretária, com a reestruturação ocorrida na empresa no referido ano este posto de trabalho foi desativado.

Mostra-se assim que os aprendizes ocupam vagas de trabalhadores adultos; esses jovens no desenvolvimento de suas tarefas embora não sejam adultos têm responsabilidades de adulto.

4) Biblioteca – seu posto de trabalho é composto por uma mesa, uma cadeira, um microcomputador, um suporte para os pés e um ramal telefônico. Houve em 2006 uma reestruturação produtiva neste local de trabalho diminuindo o número de empregados, então o aprendiz desenvolve as atividades de catalogação de documentos, cuida dos semanários, *scaneia* a sinopses dos livros para acesso dos usuários na biblioteca *on-line*, além do atendimento telefônico e o serviço de malote.

5) Auditório e Anfiteatros – o aprendiz fica instalado, juntamente com o empregado responsável por esta atividade, na sala de controles do auditório, sua atividade consiste em dar suporte nos eventos que são realizados neste espaço, manuseia equipamentos de multimídia e de informática, bem como é realizado o agendamento dos eventos.

6) Almoxarifado – neste local como nos outros o seu posto é composto por uma mesa, uma cadeira, um microcomputador, um suporte para os pés e um ramal telefônico, suas atividades são: fazer o malote, copiar documentos; controlar de entrada de notas fiscais, fazer a conferência de materiais, o aceite de entrega de matérias e mercadorias entregue nas unidades administrativas e imprimir requisições;

7) Editora – o posto de trabalho é semelhante ao descrito anteriormente sua função além de realizar o serviço de malote e atendimento telefônico é de oferecer suporte administrativo utilizando a ferramenta de banco de dados,

alimentando este banco com as informações que serão utilizadas pelos outros integrantes da equipe.

8) Comunicação com o mercado - nesta área o jovem aprende todos os recursos utilizados no desenvolvimento das campanhas de publicidade externas e internas, e também na confecção do jornal de divulgação de temas empresariais e assuntos internos da comunidade da empresa, as atividades desenvolvidas são: computação gráfica, *webdesigner* e fotografia; tais atividades favorecem a aquisição de amplo um vocabulário. Faz também as atividades de malote.

Pode-se constatar pelas entrevistas realizadas com os adolescentes-aprendizes que o desenvolvimento de suas atividades administrativas em que estão inseridos, influencia na sua decisão na escolha de suas carreiras profissionais. Também os desperta para a necessidade de cursar um curso superior, mesmo que seja para continuar na empresa como estagiários e facilitar assim a sua inserção no mercado de trabalho.

Na entrevista com o Gestor, foi identificado que os aprendizes são orientados para ingressar em cursos universitários que estejam relacionados com a atividade da empresa para que continuem com estagiários.

5.3 Os núcleos encontrados

A seguir, apresenta-se os **núcleos encontrados** a partir dos depoimentos dos entrevistados, segundo a pergunta norteadora: **“Como foi começar a trabalhar?”**

Primeiro Núcleo: “A opção pelo trabalho”

Este núcleo está diretamente relacionado **ao objetivo de identificar a causa de ingresso no trabalho dos adolescentes.**

Durante as entrevistas percebeu-se que a inserção no mundo do trabalho para os adolescentes apresenta-se com peculiaridades diferentes. Em determinado momento é um elemento para compor o orçamento doméstico, ora como uma forma de adquirir os pré-requisitos necessários para o ingresso no mundo do trabalho, ora como uma preparação para o trabalho formal e também, como uma maneira de diminuir o ócio por falta de opção para preencher o tempo quando os jovens não estão frequentando o ambiente escolar. Também os desperta para a necessidade de cursarem um curso superior, mesmo que seja para continuar na empresa como estagiários e facilitar assim a sua inserção no mercado de trabalho. Na entrevista com o Gestor do contrato dos aprendizes identificamos que os aprendizes são orientados para ingressar em cursos universitários que estejam relacionados com a atividade da empresa para que continuem como estagiários.

Durante as entrevistas pudemos perceber que a inserção no mundo do trabalho para os adolescentes apresenta-se com peculiaridades diferentes.

Em determinado momento é um elemento para compor o orçamento doméstico, ora como uma forma de adquirir os pré-requisitos necessários para o ingresso no mundo do trabalho, ora é uma preparação para o trabalho formal e também, como maneira de diminuir o ócio por falta de opção para preencher o tempo quando os jovens não estão frequentando o ambiente escolar.

Dentre todos os fatores citados observamos a importância do papel das mães, na inserção ou não, destes adolescentes. As genitoras desejam que seus filhos saiam do ciclo de pobreza financeira e intelectual.

Por vivenciarem as dificuldades domésticas e as instabilidades que levam

ao desemprego parecem sentir a necessidade de uma vivência laboral como pré-requisito ou um diferencial na disputa de uma colocação no mercado do trabalho. Já em outras falas, evidencia-se que a família é contra ao trabalho precoce, mas acaba cedendo ao desejo do próprio adolescente.

Sabe-se que para os jovens,

“a família é o grande ponto de apoio em sua travessia entre o mundo da educação e o mundo do trabalho. Quando eles se procuram e se experimentam, a família funciona como rede de proteção nos momentos críticos. Para os jovens ameaçados pela exclusão, quando chega a adolescência, é a família que precisa deles para colaborar na estratégia de sobrevivência do núcleo familiar”⁸⁸.

Para os jovens trabalhadores a influência dos familiares é fator determinante na precocidade do trabalho devido às questões de manutenção do orçamento financeiro do núcleo familiar e a preocupação de que o lazer e a ociosidade pode induzi-los ao mundo marginalizado das influências negativas e de perversão como a criminalidade e as drogas. Há, portanto

“pais e responsáveis que defendem a idéia de que o trabalho precoce é benéfico por afastar o jovem da delinquência e criminalidade. Paralelamente, o ambiente escolar desfavorável e o convívio com colegas já envolvidos em atividades anti-sociais favorecem o seu ingresso nas atividades ilícitas e nocivas”³⁶.

Estudos sobre a juventude, trabalho e educação no Brasil, referem que a inserção precoce dos adolescentes no mundo trabalho “não é uma escolha, mas uma imposição de origem social e do tipo de sociedade que se construiu no Brasil”⁶⁹.

Sabe-se que é senso comum entre pais, professores e outros grupos que mantendo a criança ocupada, evita-se que a mesma na rua envolva-se com droga e problemas diversificados⁷⁷.

Quando a família não pode sustentar crianças e adolescentes, estes são colocados no mundo do trabalho para se sustentarem. A mãe é uma figura importante no universo destes jovens e os depoimentos que se seguem retratam

esta importância:

“Minha mãe que quis que eu trabalhasse.....eu não queria...”

(E23 - 20 anos - feminino).

“No começo eu não queria nem fazer a minha prova, a minha

mãe que fez a minha inscrição....” (A17 – 17 anos – masculino).

“Minha mãe pediu para eu fazer a prova dos

patrulheiros.....mas eu queria mesmo era fazer o curso técnico

de mecânica....” (A11 – 17 anos – feminino).

“Brincava na rua e estudava....então minha mãe falou está na

hora de trabalhar....” (A5 - 17 anos – masculino).

“Vontade própria não....foi pela vontade da minha mãe....” (A2 -

17 anos- feminino).

A característica básica do trabalho contemporâneo, definido pela sociedade atual, que nós procuramos, desenvolvemos, e oferecemos é a de nos realizar na esfera pública. É a atividade reconhecida por outros como útil e, por isso, remunerada. É através do trabalho remunerado que nos integramos a esfera pública, que adquirimos existência e identidade social, ou seja, adquirimos uma profissão. Trabalhando entramos em uma rede de trocas, que nos define compara, concede direitos e designa deveres. Vivemos na sociedade do trabalho, sendo que o trabalho socialmente remunerado e determinado é, de longe, o fator mais importante

de socialização produzido pela época moderna²⁴.

Quanto à escolha da entidade dos patrulheiros para o preparo e o início das atividades no mundo do trabalho percebe-se, na fala dos entrevistados, e foi escolhida por ser uma entidade idônea e que tem trazido bons resultados para o ingresso posterior nas empresas, como empregados efetivos.

“O treinamento tem uma disciplina rígida .a gente aprende sobre cidadania, lidar com pessoas, entrevista e como se vestir”. (E24- 18 anos feminino).

“São super-rígidos a gente aprende de tudo...” (E13 - 20 anos – feminino).

“O Patrulheiro me deu esta possibilidade”. (A29 - 16 anos – feminino).

O Patrulheiro me treinou bem .gosto do que faço”. (A22 - 16 anos- feminino).

“O Patrulheiro foi o início agora faço suporte de impressora e Cad”. (E6 - 18 anos masculino).

“Geralmente muitas empresas querem pessoas com experiência e os patrulheiros proporciona isto”. (A20 - 17 anos – feminino).

“Entreí no patrulheiro, pois eu queria ser independente”. (E1- 18 anos - feminino).

“Não gostava de ficar em casa sem fazer nada, já trabalhei antes como ajudante de professora em uma escola infantil....” (A14 – 16 anos – feminino).

“Fiquei sabendo pela minha professora de matemática sobre a prova dos patrulheiros... e com 16 anos é muito difícil arrumar emprego”. (E27 – 18 anos – masculino).

“Fiquei sabendo sobre os patrulheiros pelos meus amigos....e comecei a trabalhar para adquirir experiência...” (A23 – 17 anos- feminino).

“Eu sempre quis ter o meu salário e o meu emprego” (A20 - 17 anos – feminino).

“Eu trabalhava com a minha mãe na sorveteria dela.....eles não queriam deixar eu trabalhar fora.....” (A10 – 17anos – feminino).

Incluir-se no mundo do trabalho para os aprendizes significa ter acesso

aos bens de consumo. É ter autonomia, mesmo que restrita, da sua vida financeira. Pudemos observar nas entrevistas dos adolescentes que as suas primeiras aquisições foram o aparelho ortodôntico para os que necessitam o seu uso, aquisição do telefone celular e a motocicleta para aqueles que vislumbram aquisição de seu primeiro meio de transporte. A construção do ser humano, a

“ formação da identidade para os jovens é um processo penoso e complicado. As referências positivas escasseiam e se embaralham com as negativas. A construção de si é bem mais difícil que escolher uma roupa, ainda que a analogia não seja de toda má, uma vez que o interesse por uma camisa de marca, pelo tênis de marca, corresponde a um esforço para ser diferente e para ser igual, para ser diferente-igual-aos outros, isto é, igual àqueles que merecem a admiração das meninas (e da sociedade ou dos segmentos sociais que mais importa aos jovens)...”⁹³

As seguintes falas retratam o significado da independência financeira para os jovens trabalhadores:

“Foi iniciativa própria.....não agüentava mais pedir dinheiro para mãe.....”. (A5 – 16 anos – masculino).

“Eu decidi trabalhar, ter o meu próprio dinheiro , não ficar dependendo dos meus pais até 18 anos...” (E15 - 18 anos, masculino).

*“O meu irmão foi patrulheiro e tinha independência financeira”.
(A8 17 anos - feminino).*

“Comecei a trabalhar para ter o meu próprio dinheiro....” (A11 – 17 anos masculino).

“Comecei a trabalhar com 13 anos num salão de beleza para

ter autonomia financeira...” (A1 - 17 anos - feminino).

Muitos adolescentes, no entanto, precisaram trabalhar para melhorar o orçamento doméstico.

A partir dos anos 70 com as mudanças ocorridas nas relações de trabalho e posteriormente nos anos 80 com a globalização ocorreu a redução e a precarização dos postos de trabalhos, desemprego, aumento de empregos para mulheres, conseqüentemente com salários em média 30% menores. Com um grande crescimento de mulheres como chefe de famílias, os filhos passaram a compor este orçamento através do trabalho precoce. Essa composição não ocorre apenas na forma de aquisição monetária, mas também de benefícios indiretos que diminuem as despesas do orçamento doméstico. Quanto maior o desemprego, maior é o número de trabalhadores adultos e adolescentes em subempregos, para poderem juntos formar uma renda que permita a subsistência da família.⁹³ A exclusão de um cidadão do mercado do trabalho “pode levá-lo não apenas a privação material, mas à restrição de direitos, de segurança socioeconômica e de auto-estima”⁹⁴. Num primeiro momento o trabalho precoce beneficia o grupo familiar ajudando na subsistência, mas posteriormente voltamos para o ciclo vicioso da estagnação como nos mostra no relatório global da OIT, sobre a eliminação do trabalho infantil no Brasil, pois para os que começaram trabalhar ainda crianças, a perspectiva de médias salariais é cada vez menor ou seja, quanto menor a idade em que se inicia o trabalho, menor é o rendimento médio desse grupo de pessoas durante toda a sua vida.

Os depoimentos, a seguir, auxiliam no esclarecimento da composição do

orçamento doméstico:

“Minha família estava em dificuldades....eu quis ajudar” (E17-18 anos – feminino).

“Acho que foi uma necessidade.....em casa só tem eu minha mãe e meu irmão....(A24 – 17 anos – masculino).

“Como camelô.....estava passando necessidade em casa....o meu tio tinha uma loja...aí me chamou para trabalhar....”(E19 – 17 anos – masculino).

Nos depoimentos dos sujeitos pudemos constatar ainda que muitos deles tiveram experiência de trabalho antes de ingressar como patrulheiro; as meninas iniciam suas atividades laborais em escolas infantis como auxiliares de ensino e de atividades lúdicas, lembrando as atividades desenvolvidas em seus lares no cuidado dos irmãos menores; os meninos iniciam-se com atividades que são praticados por pais ou parentes, entre elas encontramos serviços de marceneiro, camelô, oficinas mecânicas e de funilaria e ajudantes de lojas comerciais. O vínculo da empresa com a Instituição parceira os Patrulheiros faz com que os jovens tenham acesso aos benefícios previstos pela lei, isto é, carteira assinada, férias, décimo terceiro, vale-transporte. Atualmente há a vulnerabilidade da identidade do trabalho que dá acesso às condições mínimas de benefícios sociais que o emprego com carteira assinada proporciona,⁹⁵ o que pode ser evidenciado pelas seguintes falas:

“Às vezes a tarde eu trabalhava com o meu pai, e no

patrulheiro eu sou registrado....” (A19 – 17 anos – masculino).

*“O meu primeiro trabalho foi numa papelaria....eu tinha 15 anos e quando eu pude fui para o patrulheiro para ser registrado”.
(E28 - 18 anos – feminino).*

*“Eu entrei no patrulheiro pois tinha uma segurança maior.” (A13
- 16 anos – masculino).*

Segundo Núcleo: “As alterações físicas e mentais decorrentes do trabalho”.

Este núcleo encontra-se relacionado **ao objetivo de identificar os agravos à saúde decorrente do trabalho.**

Sabe-se que há uma grande controvérsia a respeito do trabalho precoce e seus agravos à saúde; por uma lado, profissionais da saúde, psicólogos e especialistas em segurança do trabalho apontaram os danos potenciais que o trabalho precoce pode causar ao crescimento e o desenvolvimento da criança, no que tange aos aspectos bio-psicossocial e ao atraso na escolarização; por outro lado, a própria comunidade onde estão inseridos estes trabalhadores interpretam o trabalho infantil e do adolescente como positivo para a sua formação educativa⁹⁶.

A exaustão corporal provocada por uma carga de trabalho além do suportável pelo organismo do indivíduo como fadiga ocupacional, muscular, visual associada a um aporte nutricional insuficiente, parecem ser os fatores precipitantes para o desenvolvimento de patologias⁸⁰

Durante as entrevistas ficou bem claro a percepção dos sujeitos sobre das

alterações físicas que ocorrem em seu corpo físico e mental e que estas alterações são normais e há um conhecimento explícito por parte dos entrevistados que haverá uma adaptação e superação física dos seus corpos.

O trabalho da criança e do adolescente, nesse contexto, tem se apresentado como um dos mais graves e controvertidos problemas de saúde pública na atualidade. Apesar de não se caracterizar como fato novo, o trabalho precoce, nas duas últimas décadas, passou a se colocar como um problema social, deixando seu espaço naturalizado de fato cotidiano e passando a ocupar *o status* de problema²².

Para uma melhor compreensão o núcleo **“As alterações físicas e mentais decorrentes do trabalho”** foi subdividido em seis, com as alterações mais freqüentes encontradas nos depoimentos:

1 Cansaço Físico

Os jovens relatam que as suas jornadas de trabalho iniciam muito cedo, pois a distância percorrida da sua residência até o local de trabalho dura de sessenta a noventa minutos; muitos utilizam dois ônibus até o destino e outros fazem uma caminhada de até trinta minutos para terem acesso ao transporte coletivo da empresa. Se considerarmos as horas trabalhadas diárias e semanais e as horas gasta com o estudo noturno, conseqüentemente o intervalo para o descanso é insuficiente. As atividades laborais desenvolvidas pelos aprendizes também são submetidas a pressão do tempo, ao ritmo sendo muitas vezes iguais as exigidas pelos adultos.

Estudar e trabalhar oito horas por dia afeta o aproveitamento dos estudos, a saúde; compromete o desenvolvimento físico, intelectual e emocional; e pode

atrapalhar a entrada da pessoa, mais tarde, no mercado do trabalho.⁹⁷

Os depoimentos que se seguem, explicitam a questão do cansaço físico:

É difícil porque eu estou supercansada e tenho que ir para casa tomar banho e jantar, ou melhor escolher entre um dos dois, só tenho 30 minutos para ir para escola". (A1 - 17 anos – feminino).

*"No inicio todo mundo fica cansado até o corpo acostumar".
(A5 -16 anos – masculino).*

"De sexta-feira pelo amor de Deus é cansativo". (A12 -17 anos – masculino).

"Andar no sol quente me deixa muito cansada". (A6 - 17 anos – feminino).

2. Perda de peso

Os adolescentes entrevistados tem a percepção das alterações que ocorreram com o seu corpo com a inclusão do trabalho como atividade permanente em seu cotidiano, essas modificações afetam o desenvolvimento pondero-estatural. Mesmo que no período de trabalho as refeições sejam respeitadas ou muitas vezes o número de refeições é maior do que se estivesse em casa, o estresse e a pressão a que são submetidos, bem como o aumento da atividade física decorrente da sua atividade laboral faz com que haja alterações de peso. Estudo sobre o Impacto das

condições de vida na Saúde de crianças e adolescentes evidenciou que o trabalho realizado por estes jovens é árduo quando se considera a carga mental, a monotonia, ritmo de trabalho, trabalho sob pressão de tempo”.⁹⁸

A questão da perda de peso é evidenciada pelas seguintes falas:

“Emagreci 7 quilos”. (E23 -18 anos – feminino).

“Perdi alguns quilos e fiquei com o corpo cansado. Eu caía na cama e dormia”. (E26 - 18 anos – masculino).

3. Alteração no sono

O trabalho e o estudo na vida do adolescente podem ser conciliados desde que o número de horas trabalhadas seja compatível ou seja, num estudo realizado com dos jovens que trabalhavam apenas seis horas por dia sua disponibilidade para o estudo era maior ou seja não afetava o seu rendimento escolar devido ao cansaço e a sonolência⁹⁷. No presente estudo relatos mostrando as alterações físicas ocorridas pela diminuição de horas de sono.

As falas que ilustram esta questão estão evidenciadas a seguir:

“Muito cansaço físico e com sono no começo...ficava até triste para vir trabalhar”. (A16 - 17 anos – feminino).

“Dá um sono e depois vai acostumando”. (A17 - 17 anos – masculino).

“Sinto muito cansaço, durmo tarde e acordo cedo”. (A8 -17

anos – feminino).

“Tenho sono...levanto às 5h30min e vou dormir às 23h30min”.

(E -18 anos – feminino).

“Dificuldade de acordar de manhã”. (A21 -16 anos – masculino).

“Agora eu fico mais cansada estou trabalhando para duas diretorias e ando muito....tenho que descansar mais no final de semana”. (A28 - 17 anos – feminino).

4. Cansaço Mental

As transformações ocorridas no mundo do trabalho como a competitividade, flexibilização e a desregulamentação das políticas sindicais trouxeram como conseqüências o desemprego, a precarização das condições de trabalho, a redução salarial e o aumento da jornada de trabalho associada a auto-capacitação para manutenção do emprego, o que induz as pessoas a terem jornadas dupla e tripla de atividade laboral consequentemente apresentando fadiga e exaustão física. Nos adolescentes este fator é agravante visto que estes fatores acarretam o comprometimento da formação escolar, uma vez que a falta de tempo e condições físicas e mentais de trabalhar e estudar, ao mesmo tempo, proporciona um aumento na evasão escolar e índices de baixa escolaridade.^{33,34}

No presente estudo, alguns relatos demonstram este fato:

“O trabalho é muito cansativo, muitas vezes não vai à escola

por cansaço”. (E - 18 anos – feminino).

“Na pressão eu perco a fome.....uma vez fui ao médico ele disse que era psicológico”. (E - 20 anos – feminino).

“O corpo não sentiu, mas eu sou sempre estressado e nervoso”. (A13 - 17 anos – masculino).

“O meu rendimento caiu... eu ando muito...preciso lutar para ficar com o olho aberto”. (A27 - 17 anos - feminino).

“No inicio sentia muito sono...faltava muito da aula, chegava cansada para ir para escola”. (A24 - 17 anos – masculino).

“Às vezes eu peço para não falar comigo....estou estressada”. (A7 - 17 anos – feminino).

“Não pode discutir com as pessoas do trabalho, com as pessoas da faculdade e você acaba estourando em casa”. (E - 20 anos – feminino).

“Todo trabalho é cansativo...só estressa, ficam cobrando muito de você...você tá fazendo um trabalho e estão cobrando outro de você”. (A16 - 17 anos – feminino)

5. Dificuldade de concentração nos estudos

Para o início da atividade laboral os aprendizes tiveram que trocar o seu horário de frequência às aulas, estudavam antes no período da manhã ou vespertino e passaram a estudar a noite. Os relatos foram de que não conseguem prestar atenção nas duas últimas aulas, ou muitas vezes não vão para escola pelo cansaço, que o ensino noturno é deficiente e que os outros alunos não interessam e tumultuam a aula dificultando assim a sua concentração. A Escola deveria ser a atividade central da vida das crianças e adolescentes, mas pode-se observar que este fato não ocorre devido a classe social em que estão inseridos. “Para os jovens incluídos, a escola é o centro de sua vida. O bom desempenho escolar é tudo que se espera deles nessa fase da vida. Para os jovens ameaçados pela exclusão, a escola já é presença periférica ou até mesmo uma ausência efetiva em suas vidas”⁹⁸

Os depoimentos que se seguem evidenciam esta questão:

“O estudo fica esquecido às vezes, sinto muito sono e não consigo estudar a mais como ler um livro”. (A15 - 17 anos – feminino).

“O ensino de manhã rende mais, tem mais aulas...a mente está mais aberta de manhã...à noite fico com sono”.(A3 – 17 anos – masculino)

6. Doenças

De acordo com o depoimento dos entrevistados as queixas apresentadas sobre as doenças decorrentes do trabalho foram relacionadas às condições climáticas do ambiente de trabalho. A empresa estudada é composta 13 prédios e climatizada por ar condicionado central; com temperatura de conforto em torno dos

23 graus conforme normas da Associação brasileira de Normas Técnicas - ABNT; que é ligado nos dias frios às 9 horas e nos dias quentes às 8 horas da manhã. No desempenho de suas atividades laborais os aprendizes deslocam-se várias vezes ao dia de um prédio a outro, sofrendo assim, os contrastes da temperatura ambiente e dos espaços abertos. Estas diferenças de calor/frio constituem os riscos físicos, que são agentes existentes nos ambientes de trabalho e fora dele.

No Brasil ainda não existem informações completas sobre doenças e acidentes que acontecem com crianças e adolescentes que trabalham. Mas as pesquisas realizadas mostram que a situação é grave. Em 1997 foram registradas 218 mortes por acidentes do trabalho com pessoas com menos de 18 anos, mas como há a subnotificação este dado é apenas a ponta de um *iceberg*.¹⁹

As seguintes falas retratam os transtornos relacionadas a doença mencionadas pelos entrevistados:

“Fico doente com muita frequência”. (E - 18 anos - feminino).

“No começo pegava gripe pelo ar condicionado, não estava acostumado”. (A9 - 17 anos - masculino).

“Nos primeiros meses eu pegava gripe pelo ar condicionado não estava acostumado”. (A18 - 17 anos – masculino).

“Fico doente com muita frequência....antes não era assim...”. (E - 20 anos – feminino).

“A minha bronquite piorou com o ar condicionado e tinha também muita dor de cabeça”. (E - 19 anos – feminino).

“Tenho problema com o ar condicionado minha rinite ataca

muito”. (A11 - 17 anos – feminino).

“Neste ano fiquei internado por sinusite....fiquei uma semana sem trabalhar”. (A2 - 17 anos - masculino).

“O ar condicionado mexeu muito com a minha vida..muita dor de garganta. (A26 - 17 anos - feminino).

• **Terceiro Núcleo: “Estudo, carreira e futuro”**

Este terceiro núcleo organizado a partir dos depoimentos relaciona-se ao **objetivo de identificar entre os aprendizes as perspectivas de futuro quanto ao trabalho.**

Durante as entrevistas constatou-se que grande número dos jovens tem uma percepção clara e bem definida das competências e habilidades que são exigidas para sua inserção no mercado laboral bem como a importância do estudo como requisito básico para o ingresso no trabalho. Os que não ainda não perceberam ao entrarem nas empresas adquirem-na. Muitos apresentam em seus *curriculum* cursos de Informática básica, de *hardware*, noções de recursos humanos e cursos de idioma.

Outra questão interessante é que foi encontrado na fala de quase todos que irão fazer uma faculdade e que sua escolha, muitas vezes relaciona-se com as atividades desenvolvidas na área em que desempenham suas funções como aprendiz. Informaram, também, que o trabalho ajudou no aprendizado, no relacionamento com as pessoas tanto pelo telefone como nos diálogos com outros empregados, tendo que melhorar o seu vocabulário. O terceiro núcleo da pesquisa

organizado a partir dos depoimentos é: “Estudo, carreira e futuro”.

Outra questão interessante é que encontramos na fala de quase todos que irão fazer uma faculdade e que sua escolha, muitas vezes relaciona-se com as atividades desenvolvidas na área em que desempenham suas funções como aprendiz. Informaram, também, que o trabalho ajudou muito no aprendizado, no relacionamento com as pessoas tanto pelo telefone como nos diálogos com outros empregados, tendo que melhorar o seu vocabulário.

O trabalho fez também o papel da escola, sendo um lugar em que o aprendiz tem vários educadores. Os verdadeiros educadores são diferentes dos professores; o educador conhece a história de vida do educando e utiliza sua realidade.⁹⁹

O fator financeiro contribui para a aquisição de melhores perspectivas de futuro para acesso no ensino universitário, além de ensiná-los sobre a importância da administração do dinheiro para sua sobrevivência e melhoria de vida.

O interesse de um bom desempenho no trabalho parece estar atrelado a possibilidade de continuar na empresa como estagiário e ter uma bolsa para conseguir pagar o seu ensino superior, pois eles são conscientes que o ensino público, o qual eles freqüentam, dificilmente possibilitar-lhes-á acesso às universidades estaduais e federais.

Em seus relatos pudemos observar que eles mudam suas escolhas na carreira universitária para continuarem na empresa como estagiários, tendo, assim uma renda para mantê-los até a conclusão do ensino superior.

Corroborando com tal afirmação “combina-se ao momento atual uma gravíssima falta do trabalho no país, responsável pelo maior distanciamento entre o que o jovem gostaria de ser (expectativas de futuro) e o que realmente consegue ser

(realidade do dia-dia)".⁹⁵

Outro dado interessante sobre a crise da ocupação infantil, é que a participação relativa do segmento etário de 15 a 24 anos no total da População Economicamente Ativa (PEA) é de 25%, embora os jovens respondam por 50% do desemprego nacional. Além disso, nota-se também que do total de 33,5 milhões de jovens apenas 38% (12,6 milhões) eram inativos, 62% participavam da PEA; aproximadamente outros 51% (16,8 milhões) possuíam algum vínculo empregatício e 11% (3,7 milhões) estavam desempregados. Somente a metade do total da população juvenil estudava, sendo a maior parte fora da respectiva série escolar.⁹⁷

Para melhor visualizar este núcleo decidiu-se por dividi-lo em sete sub-grupos que serão apresentados a seguir.

1. Cursos paralelos feitos pelos adolescentes

A partir da globalização ocorrida nos anos 80 ocorreram as reestruturações nas relações de trabalhistas, na diminuição dos postos de trabalho; os trabalhadores transformados em entidades contábeis, houve aumento do número de desempregos com a horizontalização dos organogramas empresariais. Todos estes fatores disponibilizaram mão-de-obra altamente qualificada de desempregados, levando as empresas a diminuírem seus investimentos em capacitação de seus empregados e passando para o trabalhador a responsabilidade e o custo de sua capacitação para que se mantenham nos postos de trabalho que ocupam.

O avanço tecnológico e a informatização, bem como as certificações dos processos através das instituições internacionais das organizações que possibilitam o acesso em mercados internacionais passam a ser competências exigidas no

ingresso dos postos de trabalho desde os mais simples até os mais complexos.

Encontramos este fenômeno nos depoimentos dos sujeitos como se seguem:

“Antes de entrar no patrulheiro eu fiz informática”. (A8 - 17 anos – feminino).

“Fiz curso de informática”. (A1 - 17 anos – feminino).

“Eu já fiz curso de: Contabilidade, administração e informática”. (17A - 17 anos – masculino).

“Já fiz curso de informática e de auxiliar administrativo”. (A5 - 16 anos – masculino).

“Fiz a Microcenter”. (A21 - 16 anos – masculino).

“Fiz curso técnico e de inglês, mas não falo fluente”. (A1 - 17 anos - feminino).

“Vou começar a fazer curso de inglês”. (A16 - 17 anos – feminino).

2. Aquisição de experiência para ingresso no mercado do trabalho

Foi relatado pelos adolescentes que somente com a conclusão do ensino médio não se consegue emprego no mercado de trabalho; eles falam também que é necessário ter em seus curriculum vitae as experiências profissionais; senão as possibilidades de conseguirem um bom emprego são raras e/ou inexistente. Compreendem que a inserção ao mercado de trabalho está cada vez mais difícil para os jovens.

Uma pesquisa realizada com alunos da quinta a oitava séries que trabalham e que não trabalham mostra que eles consideram o trabalho como uma coisa positiva, que traz vantagens para sua vida emocional e social, mas quando a pergunta é sobre “como é trabalhar e estudar ao mesmo tempo” os mesmos adolescentes relatam que isso traz um cansaço enorme, um grande desgaste físico e emocional. Mas mesmo assim, eles querem continuar estudando e trabalhando, para poderem construir um futuro diferente daquele que suas famílias conseguiram.⁶⁶

Outro fator citado pelos depoentes, sobre a importância do trabalho precoce ficou evidenciado através dos depoimentos que se seguem:

“Aos 15 anos eu trabalhei num escritório por 1 ano em período integral”. (A20 - 17 anos – feminino).

“Você conviver na empresa já é um aprendizado”. (A2 - 17 anos – feminino).

“É o exemplo da sociedade se você fica em casa é vagabundo

se trabalha é uma pessoa responsável”. (A24 - 17 anos masculino).

“Aqui eu tive acesso a informática”. (A9 - 17 anos – masculino).

*“Aqui na empresa que eu comecei a mexer com computador”
(E - 18 anos – feminino).*

“Eu sou a segunda secretária”. (A8 - 17 anos – feminino).

*“Minha chefe me ensinou tudo .e a substitui nas férias dela”. (E
- 18 anos – feminino).*

*Com 16 anos temos dificuldade para arrumar emprego. É uma
experiência bacana tem que saber aproveitar (E - 18 anos –
masculino).*

*“Ela me moldou do jeito dela, para eu trabalhar aqui na
presidência”. (E - 18 anos – feminino).*

*“Eu aprendi como falar, como me vestir”. (E - 20 anos –
feminino).*

“Lá fora quem consegue trabalhar com 16 anos em empresa

como esta? só consegue como vendedor e tem que trabalhar sábado, domingo e feriado”. (E - 20 anos – feminino).

“Não tinha noção de informática, nossa ajudou muito”. (A6 - 17 anos – feminino).

“Eu vejo o pessoal comentando sobre os impostos que vão nas nota fiscais: INSS, ISS...eu nunca tinha ouvido falar disto....eu pergunto e eles me explicam”. (A28 - 17 anos – feminino).

Você vai procurar emprego a concorrência é demais, não adianta ter só o ensino médio, você precisa de mais alguma coisa”. (E - 18 anos – masculino).

3. Desenvolvimento de conhecimentos de: comunicação, postura e relacionamento como habilidades

Os adolescentes nos relatos mostraram que a sua inserção precoce na empresa ajudou-os a ter um vocabulário melhor, deixaram de falar gírias e atualmente conseguem manter um dialogo com outras pessoas que não conhecem. Melhoram a sua postura no relacionamento com outras pessoas de seu local de trabalho e, conseqüentemente, aumentaram a sua auto-estima quando percebem que são aceitos como integrantes da equipe de trabalho em que estão inseridos. Os aprendizes relatam nas suas entrevistas que a equipe com quem trabalham contribuiu muito na sua formação educacional não só do ponto vista técnico, mas principalmente, no comportamental.

Pesquisas que apontam o trabalho precoce benéfico para os jovens mostram que a atividade que eles estão desenvolvendo deve ajudá-los a desenvolver o espírito de equipe, melhorar a auto-estima, dar oportunidade de desenvolver suas habilidades e, também, fazê-los crescer como pessoa e/ou cidadão.¹⁰⁰

As seguintes falas retratam o aprendizado adquirido pelos sujeitos quanto à comunicação, postura e relacionamento como habilidades:

“Eu aprendi a lidar mais com as pessoas, quando eu encontro uma pessoa eu falo: Bom dia! Tudo bem? antes eu não fazia isso”. (A16 - 17 anos – feminino).

“Fez eu crescer muito.....eu era um pouco mais tímido para falar no telefone e com outras pessoas. (A5 -16 anos – masculino).

“Mudei bastante eu era muito vergonhoso, tinha dificuldade para falar”. (A12 - 17 anos - masculino).

“Agora eu falo até melhor, eu era tímida”. (- 17 anos – feminino).

“Eu era muito inibida....tinha muita vergonha, agora eu falo melhor”. (A15 - 17anos – feminino).

“Quando eu comecei a trabalhar eu comecei a ver o mundo

como adulto”. (A19 - 17 anos - masculino).

“Melhorei o modo de comunicar, uso uma linguagem mais culta e melhorei o tratamento com as pessoas”. (A14 - 17 anos – feminino).

“às vezes minha gerente é como a minha mãe me chama atenção e me dá uns puxões de orelha”.(E - 18 anos, masculino).

4. Responsabilidade na administração dos salários recebidos

Os entrevistados explicaram que aprenderam administrar os seus salários; e este fato é notório em todas as falas. Pudemos perceber também que os jovens atentam-se para a importância da questão monetária para sua sobrevivência e que para tornarem-se adultos precisam abandonar o seu mundo infantil através da diminuição da sua dependência financeira, sendo esse período de extrema instabilidade, produto da própria situação evolutiva e da interação do indivíduo com o meio^{38,40}

Encontramos várias falas sobre a aquisição da percepção financeira que podem ser observadas como se segue.

“Eu pago o meu curso que têm várias áreas, Turismo, telemarketing...”. (A7 - 17 anos - feminino).

Eu divido com mais quatro pessoa da minha casa as conta de

água, luz e telefone". (A21 - 16 anos – masculino).

"Eu pago o meu curso hardare de final de semana, um curso de dois anos aí eu não preciso ajudar em casa". (A13 - 17 anos masculino).

"Eu pago as minhas contas e ajudo nas despesas de casa". (A27 - 17 anos – feminino).

"Do meu salário eu pago a faculdade e o meu pai paga a Van". (E - 20 anos – feminino).

"Eu pago o speedy". (A17 - 17 anos – masculino).

"Pago minha faculdade e ajudo nas contas de casa". (E - 19 anos – feminino).

"O dinheiro é todo seu se você quiser gasta tudo em roupa ou se quiser colocar na poupança você coloca". (E - 19 anos – feminino).

"Ajudo minha mãe a pagar as contas" (A3 - 17 anos – feminino).

"Eu me sustento". (A12 - 17 anos – masculino).

"É preciso trabalhar, tudo precisa de dinheiro, mas não pode

deixar o estudo de lado". (A11 - 17 anos – masculino).

"Dou \$150,00 para os meus pais". (A26 - 17 anos - feminino).

5. Necessidade de melhoria do ensino adquirido nas escolas públicas

Os baixos níveis de escolaridade dos pais refletem diretamente nas condições de vida dos seus filhos. Sabe-se que os baixos níveis de educação principalmente das mães têm relação com a mortalidade infantil. Os jovens trabalhadores pesquisados cursam seus estudos em escolas públicas no período noturno e foi uma constante em seus relatos sobre a qualidade ruim deste ensino público, tanto pela falta do comprometimento e autoridade dos professores que faltam muito, como pela tolerância do não atendimento da solicitação das tarefas e das formas que são utilizadas para o aluno conseguir nota e conseqüentemente a aprovação. Estudo realizado com adolescentes trabalhadores sobre as a representação social do tema "escola" mostrou problemas de qualidade do ensino noturno, dificuldades cotidianas de relacionamento entre professores e alunos e também o reconhecimento das deficiências do sistema escolar e as suas conseqüências para o futuro, que são também objeto de preocupação dos jovens⁶⁶

Além de terem menor tempo de aula que os alunos da manhã, os estudantes trabalhadores do noturno acabam tendo um aproveitamento muito baixo, por causa do cansaço, da sonolência, das dificuldades de horário e da falta de tempo para estudar.⁹⁶

Vários foram os depoimentos dos aprendizes sobre a má qualidade do ensino no período noturno como se segue:

“Quando você está trabalhando você quer saber mais, começa a assistir jornal na TV, eu não fazia isto antes”. (A5 - 16 anos – masculino).

“Eu trabalho e estudo na UNICAMP é preciso uma atenção especial”. (A11 - 17 anos - masculino).

“O ensino noturno é bem mais fraco, falta professor, e é desorganizado”. (A19 - 17 anos – masculino).

“Se a minha família tivesse condições de me sustentar eu iria fazer um curso de informática de inglês”. (A10 - 17 anos – feminino).

“Ensino na escola pública à noite não é bom, ninguém respeita nada, o professor também abre exceção”. (A8 - 18 anos – feminino).

“Querendo ou não no noturno o estudo fica prejudicado, tem muita bagunça”. (A28 - 17 anos – feminino).

“De noite não dão tanto importância para o ensino...direto não tem professor”. (A13 - 17 anos – masculino).

“Estudo é tudo, eu tenho exemplo do meu pai que hoje está

estudando. Ele fala para nós que foi cabeça dura no passado e para pegar ele como exemplo e estudar”. (A18 - 17 anos – masculino).

6. Importância do ensino superior para melhores perspectivas profissionais

Os adolescentes em seus relatos têm consciência da importância do ensino superior para que possam ter acesso a bons empregos e uma melhor informação; percebem, também que a formação recebida até momento em escolas públicas é deficiente. Trabalhando em uma empresa de tecnologia da informação em que o conhecimento é fundamental para acessibilidade das inovações, o aprendiz percebe a importância da aquisição constante bem como de se instrumentalizar com saberes e competências necessários para sua inserção no mundo do trabalho.

Os depoimentos que se seguem, explicitam a questão da necessidade de tais recursos:

“Na minha cabeça eu queria fazer torneiro mecânico, mas agora eu quero administração”. (A3 - 17 anos – masculino).

“Não compensa parar de estudar tem que fazer logo a faculdade”. (A8 - 17 anos – feminino).

“Abre uma visão de que você tem que fazer faculdade, antes eu não ia fazer faculdade”. (E - 18 anos – masculino).

“Mais para frente vou ver se consigo fazer uma faculdade”.

(A11 - 17 anos – masculino).

“Cada dia eu quero fazer uma faculdade diferente”. (A19 – 17 anos- masculino).

“Eu quero fazer uma faculdade ligada com o meio ambiente”.

(A14 – 16 anos – feminino).

7. Escolha da carreira

A importância da carreira universitária escolhida pelos aprendizes muitas vezes está atrelada ao local em que eles estão desenvolvendo a sua atividade laboral. Este fato se justifica pelo jovem desconhecer carreiras que até então não sabia que existiam ou que tinham habilidades para desenvolvê-las ou, ainda, que este curso pode garantir uma vaga como estagiário na empresa garantindo assim acesso ao ensino universitário. Conseqüentemente há uma associação do sucesso profissional ao estudo e aparece referenciada à formação em nível superior, ou seja, “fazer uma faculdade” ainda representa para esses jovens o caminho para a melhoria das condições de vida.⁹⁴

Pode -se exemplificar estas situações com as falas seguintes:

“Para continuar aqui eu quero fazer engenharia”. (A10 -17 anos - feminino).

“Eu quero fazer Logística é a área que eu estou aqui”. (A21 -16 anos – masculino).

“Prestei vestibular para Engenharia de produção na FAC,

POLICAMP e UNIP". (A18 - 17 anos – masculino).

"Vou fazer Ciência da Computação". (A20 - 17 anos–feminino).

"Eu quero ser Arquiteta, mas se eu não trabalhar não posso estudar". (A6 - 17 anos – feminino).

"O RH me chamou e disse que se eu fizesse Administração teria uma vaga de estagio para mim, no inicio eu queria fazer jornalismo".(E -18 anos – feminino).

"Quero fazer técnico de Mecatronica, me despertou o interesse aqui, não penso em fazer faculdade". (A19 - 17 anos – masculino).

"Eu quero mesmo é ser aeromoça e se não der vou fazer faculdade de Analise de Sistemas" (A1 -17 anos – feminino).

"Entre na Faculdade de Engenharia da Computação". (A13 -17 anos – masculino).

"Tenho vocação para aeronáutica, estudo as provas para entrar no Ita". (A5 -17 anos – masculino).

"Tenho vontade de cada dia fazer uma faculdade diferente". (A19 - 17 anos – masculino).

- **Outras questões encontradas**

Quando indagados sobre se aconselhariam os jovens de sua idade a trabalhar e estudar os aprendizes mostraram o trabalho como um acontecimento positivo, que traz vantagem para sua vida profissional e social. E que aconselhariam seus amigos e irmãos mais novos a trabalharem. As sugestões dos entrevistados para a inserção precoce no mundo do trabalho foram encontrados nos seguintes depoimentos:

“Ah!...não têm coisa melhor que trabalhar...é uma responsabilidade...é uma moral na família”. (A19 - 17 anos – masculino).

“Recomendo trabalhar e estudar”. (E- 20 anos- feminino).

“Foi difícil até acostumar a trabalhar mas é bom para você”. (E – 19 anos- masculino).

“É bom trabalhar desde pequeno”. (A3 - 17 anos- feminino).

“Eu falo para meu irmão se esforçar na escola e depois fazer o patrulheiro, pois ele encaminha a gente”. (A18 - 17 anos – masculino).

“Eu falo para as minhas primas começar a trabalhar cedo”. (A26 - 17 anos – feminino).

“Eu aconselho a trabalhar”. (A5 – 16 anos – feminino).

“Trabalhar e estudar sempre”. (A19 – 17anos masculino).

“Sim eu aconselho”. (A21 – 16 anos – masculino).

A percepção do adolescente-criança para o adolescente-adulto, é despertada quando há a sua inclusão no mundo trabalho, pois constantemente é cobrado por sua responsabilidade no desempenho de suas funções e também controlado pelo tempo/ritmo do desempenho de suas tarefas, bem como pela entrega das atividades no prazo estipulado pelo seu responsável.

Estudos sobre a inserção de adolescentes no mercado de trabalho através de uma ONG concluíram que “o trabalho pode ser motivo de “amadurecimento precoce” principalmente devido às responsabilidades da atividade laboral, da busca por independência, que também acarreta autonomia em suas decisões.¹⁰¹

Essa questão fica evidenciada na fala seguinte:

“Quando eu comecei a trabalhar eu comecei a ver o mundo como se fosse adulto”. (A5- 17 anos – masculino).

Em relação aos jovens que continuaram inseridos hoje na empresa estudada há 45 trabalhando como estagiários ou contratados como terceiros nas empresas parceiras. Os que estão desenvolvendo suas funções como estagiários continuam estudando e terão a garantia de emprego por no mínimo quatro anos, ou seja, até concluírem o ensino universitário. Os que são contratados como empregados nas empresas parceiras desenvolvem suas atividades laborais em

organizações que prestam suporte em áreas que foram terceirizadas na empresa estudada. Esses jovens com os salários que recebem, na maioria das vezes, não conseguem pagar a mensalidade de um curso universitário em escolas particulares e o seu acesso ao ensino universitário público torna-se difícil pelo fato de terem cursado o ensino médio em escolas públicas. Portanto tais jovens param de estudar e também aqueles que não se inseriram como estagiários ou terceiros ficam aguardando uma oportunidade de emprego na empresa estudada ou em outra, por indicação do setor de recursos humanos da empresa ou dos empregados com quem trabalharam que podem indicá-los.

A empresa tem o programa de incentivo de contratação de estudantes para estagiários, pois é uma forma de preparar os futuros empregados da empresa. Além de incorporar novos conhecimentos que são trazidos dos estudantes da universidade também os estagiários adquirem o perfil dos empregados da empresa e quando forem contratados não haverá necessidade de treinamento dos mesmos.

E o programa do adolescente aprendiz favorece a empresa cumprir o seu papel com a responsabilidade social e adquirir selos e certificações que dão visibilidade de empresa que não favorece o trabalho infanto-juvenil.

5.3 Questões apresentadas pelo Gestor do Programa

No dialogo realizado com o Gestor do Programa dos adolescentes aprendizes, como já foi citado anteriormente, foi feito um relato da historia do convênio existente entre as organizações e que o atual gestor administra este contrato desde 1998, anteriormente a gestora do projeto era uma Assistente Social.

Relata, também, “que os benefícios trabalhistas existente foram adquiridos a partir do ECA”. Outros benefícios como alimentação; incluindo café da manhã e almoço; já existiam antes da legislação de proteção da criança e do adolescente. Que a empresa já teve, “no passado, 57 menores aprendizes, mas pela reestruturação produtiva que houve na organização este número foi diminuído não só por contenção de gastos, mas também porque os aprendizes ficavam ociosos a maior parte do tempo da sua jornada de trabalho”.

Quanto as atividades desenvolvidas pelos adolescentes, como já foi citado anteriormente na grande maioria delas é de suporte administrativo às secretarias e que no setor que o aprendizes inicia a suas atividades ele permanece até completar 18 anos, só será transferido de setor se não houver adaptação do jovem com seu posto de trabalho e com a equipe com ele deverá desenvolver suas atividades. “Já foi sugerido para que possa haver um rodízio dos adolescentes nos postos de trabalho para que eles possam ter uma visão sistêmica do real funcionamento da empresa”. Esta sugestão não foi implantada pois os jovens aprendem e desenvolvem suas atividades laborais fazendo o papel de um trabalhador-adulto e se houver a rotatividade os jovens estariam sempre em treinamento e não seriam produtivos.

Atualmente é realizado um treinamento de seis meses a cada 15 dias, com duração de quatro horas no horário de trabalho dos adolescentes, com psicólogas, assistentes sociais e enfermeiras com os seguintes temas: Ética e Cidadania; Atendimento ao Cliente: como falar ao telefone e anotar recados, Noções de Higiene, Saúde e Segurança, Redação.

Quanto às vulnerabilidades que os adolescentes estão expostos o gestor relatou que tiveram cinco adolescentes que ficaram grávidas e que uma delas ficou

na empresa até o parto; conforme o estatuto da instituição parceira a aprendiz gestante poderá optar por continuar trabalhando na empresa ou ficar desenvolvendo atividades na sede desta organização até o nascimento do recém-nascido; gozou sua licença maternidade e posteriormente entrou numa universidade e foi contratada como estagiária e por problemas financeiros particulares deixou pagar as mensalidades do curso de graduação e no ano seguinte não conseguiu renovar sua matrícula e seu contrato com estagiária foi rescindido, há uma cláusula tanto no contrato dos estagiários quanto dos aprendizes que seu vínculo com as instituições está atrelado à frequência e aprovação nos estudos. As outras adolescentes optaram por ficar na sede da instituição até o final da gestação. Num estudo realizado constatou-se que o abandono escolar na ocasião da gravidez na adolescência foi referido por 40,1% das moças, cuja gravidez terminou em filho. Contudo, 20,5% já tinham cometido evasão escolar antes de engravidar⁴⁸.

Outra vulnerabilidade presente “foi com menores que se envolveram com furtos dentro da empresa, pois os mesmos estão locados nas mesmas salas que os demais empregados da organização e têm acesso aos pertences individuais dos colaboradores”.

No seu relato, o gestor, disse que: “são realizadas reuniões a cada dois meses com os adolescentes ou quando há uma intercorrência e que a mais recente foi para orientá-los sobre o desperdício de alimentos e a alimentação saudável, pois durante as refeições os jovens estavam alimentando-se incorretamente, fazendo uso de refrigerantes, guloseimas e frituras diariamente”. Foi implantado uma nova regra que os mesmos só poderão usar refrigerantes em suas refeições e sorvete como sobremesa de sexta-feira.

Há um trabalho constante por parte do gestor com a cadeia gerencial

sobre a conscientização da importância de absorvê-los com estagiários. Na política de gestão para contratação de estagiários vigente na empresa, serão contratados apenas os estudantes que estejam cursando o terceiro ou quarto ano do ensino universitário, a exceção só se aplica para os menores aprendizes que ao completarem 18 anos e ingressarem em cursos universitários poderão ser contratados no primeiro ano. Contribuindo assim para que estes jovens possam acessar e concluir o ensino superior com a bolsa-estágio que recebem.

Existe, ainda hoje, no quadro de empregados da organização dois empregados que entraram na empresa através deste programa e são funcionários na área administrativa, outros dois que seguiram a área técnica, um deles já se aposentou e o segundo exerce o cargo de diretor tecnológico numa empresa de telefonia na cidade de São Paulo. Muito dos empregados existentes na empresa, também começaram a sua trajetória em instituições para menores e hoje fazem parte do quadro de empregados desta organização. Atualmente, segundo informação do gestor, há na empresa 45 aprendizes na função de estagiários, empregados e terceirizados.

5.4 Questões apresentadas pelos Supervisores

Realizamos um dialogo com os supervisores dos aprendizes para que pudéssemos entender as atividades laborais executadas pelos adolescentes bem como para observação dos postos de trabalhos no desenvolvimento dos seus serviços.

Uma das questões que foi relatada por todos os supervisores é que como os aprendizes desenvolvem funções de um trabalhador-adulto e seu tempo de

permanência na função é de no máximo dois anos (de 16 a 18 anos) e que quando eles já estão bem treinados e tem domínio da sua atividade laboral termina o seu contrato e que sempre os supervisores tem que ficar treinando novos aprendizes. Eles relatam que entendem a importância do seu papel no desenvolvimento e na formação destes adolescentes, mas que as empresas de um modo geral não a estuda utiliza os adolescentes como mão-de-obra barata. Fica uma dicotomia, pois a grande maioria dos supervisores acham que deveria haver um rodízio dos aprendizes em todos os setores para que os mesmos pudessem aprender mais.

Outro fator relatado pelos supervisores é a preocupação de arrumar uma colocação na empresa ou fora dela para os aprendizes no final do seu contrato. Procuram, também educá-los tanto na sua postura como pedagogicamente, em suas falas elas informam que quando os mesmos entraram na empresa não sabiam falar ou se expressar, escrever ou manusear as ferramentas e sistemas de informática da empresa e com satisfação dizem que muito dos seus aprendizes os substituem em suas férias. Muitos deles relatam os seus aprendizes são estagiários, estão trabalhando em determinada empresa ou estão faculdade. Entre os empregados que são supervisores temos alguns que já foram aprendizes, estagiários e hoje fazem parte do quadro de empregados da empresa.

Encontramos apenas um supervisor que prefere não ter aprendizes por ter que estar sempre treinando uma nova pessoa e dividir a sala com o aprendiz e conseqüentemente diminuindo sua privacidade quanto aos assuntos empresariais e os assuntos particulares.

Todas as informações fornecidas pelos supervisores são corroboradas com as falas dos aprendizes que vimos anteriormente.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, o movimento em busca dos significados do trabalho para os adolescentes não se esgotou em seu conteúdo, não se pode prever como e quando ele se complementará.

Ao longo da história essa população esteve sempre presente nos processos produtivos, inicialmente nos trabalhos domésticos, posteriormente na agricultura com advento da revolução industrial trabalham até 14 horas por dia. Com a criação da OMS e posteriormente da OIT começa-se então os estudos sobre as causas e conseqüências do trabalho na saúde das crianças e adolescentes e são criadas as primeiras recomendações internacionais e transformadas em leis nos países que as ratificavam.

Com a mundialização nos anos 90, as reestruturações produtivas, a precarização do trabalho , a diminuição dos postos de trabalho formais com a inclusão das tecnologias nos processos produtivos com a informática e a robótica e as empresas dos países subdesenvolvidos e em desenvolvimento, como o Brasil, para conseguirem sobreviverem no mercado internacional submetem-se as legislações e certificações mundiais para que seus produtos ganhem visibilidade internacional.

Nos países de primeiro mundo as legislações de proteção ao trabalho infantil-juvenil são rigorosas e os processos produtivos que utilizam mão-de-obra desta faixa etária não são aceitos no mercado globalizado. Com a regulamentação do ECA em nosso país os órgãos fiscalizadores começam a atuar mais rigorosamente sobre esta questão e também, passa a ser meta do governo federal a diminuição e a erradicação do trabalho da criança e do adolescente no Brasil.

Estudar o trabalhador adolescente na região industrial de Campinas identificando as características de seu trabalho, foi o objetivo geral deste estudo e os

resultados apontaram que: faixa etária dos 29 adolescentes entrevistados, com idade entre 16 a 17 anos e 11 meses, sendo 15 do sexo feminino e 14 do masculino e 28 jovens maiores de 18 anos, entrevistados, que foram aprendizes e atualmente são estagiários da empresa, um gestor do contratado com 55 anos e 28 supervisores dos aprendizes, dos quais 20 são do sexo feminino e 8 do masculino; na faixa etária entre 22 e 58 anos.

Quanto à escolaridade os adolescentes aprendizes cursam o ensino médio e os jovens maiores de 18 anos 25 deles cursam o ensino superior e cinco não estudam. O gestor e os supervisores possuem ou estão cursando o nível superior.

Quanto às vulnerabilidades que os adolescentes estão expostos o gestor relatou que tiveram cinco adolescentes que ficaram grávidas e que uma delas ficou na empresa até o parto; outra vulnerabilidade presente foi com menores que se envolveram com furtos dentro da empresa, pois os mesmos estão locados nas mesmas salas que os demais empregados da organização e têm acesso aos pertences individuais dos colaboradores. Para os jovens trabalhadores a influência dos familiares é fator determinante na precocidade do trabalho devido às questões de manutenção do orçamento financeiro do núcleo familiar e a preocupação de que a falta de lazer e a ociosidade pode induzi-los ao mundo marginalizado das influências negativas e de perversão como a criminalidade e as drogas. A vulnerabilidade social foi encontrada quando a família não pode sustentá-los, estes são colocados no mundo do trabalho completar o orçamento doméstico. A mãe é uma figura importante no universo destes jovens.

Os achados destes estudos permitiram compreender o que significa para os aprendizes a inclusão no mundo do trabalho: significa ter acesso aos bens de

consumo, é ter autonomia, mesmo que restrita, da sua vida financeira. Pudemos observar nas entrevistas dos adolescentes que as suas primeiras aquisições foram o aparelho ortodôntico; para os que necessitam usá-lo; aquisição do telefone celular e a motocicleta para aqueles que vislumbram aquisição de seu primeiro meio de transporte, através do trabalho e da aquisição de todos estes bens de consumo o adolescente adquire uma identidade social. E quando necessário ajuda a família no orçamento doméstico e também adquirir bens.

Nos depoimentos dos sujeitos pudemos constatar que muitos deles tiveram experiência de trabalho antes de ingressar como patrulheiro. O vínculo da empresa com a Instituição parceira os Patrulheiros faz com que os jovens tenham acesso aos benefícios previstos pela lei, evidenciando neste estudo a vulnerabilidade da identidade do trabalho que dá acesso às condições mínimas de benefícios sociais que o emprego com carteira assinada proporciona.

Outro aspecto muito importante é quanto aos postos de trabalho que os aprendizes desenvolvem suas atividades laborais são os mesmos utilizados pelos trabalhadores adultos, bem como as tarefas realizadas são as mesmas realizadas por um trabalhador adulto que ocupasse esta função; auxiliar administrativo; e também, são submetidos a pressão do tempo, ao ritmo sendo muitas vezes iguais as exigidas pelos adultos. E que as vagas de emprego são supridas para o trabalhador adulto, mas o trabalho continua sendo executado pelos adolescentes trabalhadores. No desempenho de suas atividades laborais os aprendizes deslocam-se várias vezes ao dia de um prédio a outro, sofrendo assim, os contrastes da temperatura ambiente e dos espaços abertos. Estas diferenças de calor/frio constituem os riscos físicos, que são agentes existentes nos ambientes de trabalho e fora dele.

Os resultados deste estudo apontam para que as legislações vigentes para o controle da saúde do trabalhador devem ser aplicadas, também para o adolescente trabalhador, isto é, deveriam existir Programas de Controle Médico da Saúde Ocupacional de Adolescente Trabalhador e que os exames de saúde de rotina sejam realizados dentro da empresa em que o aprendiz desempenha suas atividades laborais, pois os profissionais da equipe de saúde e segurança têm informações fiéis sobre as condições de trabalho e os riscos reais a que os trabalhadores estão expostos.

Neste estudo ficou evidente a percepção dos sujeitos sobre as alterações físicas que ocorrem em seu corpo físico e mental, sendo que consideram estas alterações são normais, havendo um conhecimento explícito por parte dos entrevistados que haverá uma adaptação e superação física dos seus corpos. Os jovens relatam que suas jornadas de trabalho iniciam-se muito cedo e a distância percorrida da sua residência até o local de trabalho dura de sessenta a noventa minutos; muitos utilizam dois ônibus até o destino e outros fazem uma caminhada de até trinta minutos para terem acesso ao transporte coletivo da empresa.

Os achados deste estudo permitiram compreender a percepção do adolescente-criança para o adolescente-adulto, percebe-se que é despertada quando há a sua inclusão no mundo trabalho, pois o mundo laboral é diferente do seu cotidiano, isto é, constantemente é cobrado por sua responsabilidade no desempenho de suas funções e também controlado pelo tempo ritmo do desempenho de suas tarefas, bem como pela entrega das atividades no prazo estimulado pelo seu responsável. Se forem consideradas as horas trabalhadas diárias e semanais e as horas gasta com o estudo noturno, conseqüentemente o intervalo para o descanso é insuficiente. Nos adolescentes este fator é agravante

visto que estes fatores acarretam o comprometimento da formação escolar, uma vez que a falta de tempo e condições físicas e mentais de trabalhar e estudar.

O estudo contribuiu para compreender que a formação recebida em escolas públicas é deficiente. Os jovens pesquisados cursam seus estudos em escolas públicas no período noturno e foi uma constante em seus relatos sobre a qualidade ruim deste ensino, tanto pela falta do comprometimento e autoridade dos professores que faltam muito, como pela tolerância do não atendimento da solicitação das tarefas e das formas que são utilizadas para o aluno conseguir nota e conseqüentemente a aprovação.

Os adolescentes em seus relatos têm consciência da importância do ensino superior para que possam ter acesso a bons empregos e uma melhor informação; percebem, também que trabalhando em uma empresa de tecnologia da informação, adquirir conhecimento é fundamental para acessibilidade das inovações. Os aprendizes percebem a importância da aquisição constante de conhecimentos, bem como de se instrumentalizar com saberes e competências necessários para sua inserção no mundo do trabalho.

Indagados sobre se aconselhariam os jovens de sua idade a trabalhar e estudar, durante as entrevistas, mostraram o trabalho como um acontecimento positivo, que traz vantagem para sua vida profissional e social e familiar, pois seu ingresso no mundo trabalho deu-lhes respeitabilidade por parte dos membros de sua família.

O estudo também contribuiu para que pudesse caracterizar os aspectos positivos e negativos relacionados ao trabalho precoce e mostrou o trabalho com um significado social importante da vida destes trabalhadores jovens.

Os significados positivos foram os benefícios financeiros, acesso ao

ensino superior, o desenvolvimento de habilidades de comunicação, postura e relacionamento e de cidadania e de estilo de vida saudáveis, pois as ações de promoção de saúde praticas são facilmente incorporadas pelos aprendizes e seus familiares.

Os significados negativos estão relacionados aos efeitos sobre saúde, tanto a física quanto a mental e a deficiência no aprendizado devido à má qualidade do ensino público.

Finalmente, através deste estudo surgiram algumas propostas:

- Que a legislação vigente no Brasil país, que não é aplicada como estabelecida para proteção da criança e do adolescente, seja alterada e se crie o Programa de Controle Médico de Saúde Ocupacional para o Adolescente, bem como os exames de saúde sejam realizados na empresa em que os adolescentes desenvolvam suas atividades laborais;
- Que a carga horária de trabalho dos adolescentes seja no máximo de quatro horas diárias já que as pesquisas demonstraram que este número não acarretará danos futuros na vida destes jovens e que novas pesquisas sobre trabalho de adolescentes no mundo corporativo sejam realizadas, pois são raras as existentes neste ramo produtivo.

Hipótese do estudo - foi confirmada quando encontramos evidências do adoecimento dos jovens trabalhadores decorrentes das condições ambientais no desempenho das suas atividades laborais, bem como as oportunidades encontradas pelo aprendiz e o aprendiz egresso de ter acesso ao ensino superior quando continuaram na empresa estudada como adolescentes.

7 REFERÊNCIAS

1. Organização Internacional do Trabalho. Módulos de auto-aprendizagem sobre saúde e segurança no trabalho infante e juvenil. Brasília: Editora do Ministério da saúde, 2006 152 p.
2. UNICEF (Fundo das Nações Unidas para Infância). Situação Mundial da Infância. 1998. Brasília, Distrito Federal: UNICEF.
3. Seligmann-Silva, E. Saúde mental e automação: a propósito de um estudo de caso no setor ferroviário. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.13 (supl. 2). p. 95-109, 1997.
4. Segnini, R. P. L. **Mulheres no trabalho bancário**: difusão tecnológica, qualificação e relações de gênero. São Paulo: EDUSP, 1998.
5. Monteiro MS, Envelhecimento e capacidade para o trabalho entre trabalhadores brasileiros.1999. **Tese** (Doutorado) – Faculdade de saúde Pública, Universidade de São Paulo, 1999.
6. Monteiro-Cocco, M. I.; Fernandes, A C. P. Work ability and style life among Brazilian's young workers. Preliminary results. In: INTERNATIONAL SYMPOSIUM ON YOUTH AND WORK, 2002. Espoo. **Abstracts...** Helsinki – Finland: Finish Institute of Occupational Health/ International Labour Organization/World Health Organization, 2002, p.57.
7. Fernandes, A C. P.; Monteiro-Cocco , M.I. A 7- year follow-up of life style among workers of a high technology company. In: INTERNATIONAL CONGRESS ON OCCUPATIONAL HEALTH, 27, 2003. Foz do Iguaçu. **Abstracts...** Foz do Iguaçu – Br: ICOH, 2003. Cd-rom.
8. Antunes, S. R. **Os Sentidos do Trabalho**: ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho. 6. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.
9. Antunes, S. R **As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital**. Educ. Soc. V.25 n. 87. Campinas. maio/ago. 2004.
10. Lannil, O **Teorias da globalização**. São Paulo: Civilização Brasileira, 200.
11. Harvey, D. **A Condição pós-moderna**. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Edições Loyola: São Paulo, 1994, 349p.

12. Hirata, H. Globalização e divisão sexual do trabalho. **Cadernos Pagu**. 2001.
13. Lombardi, J. C.; SAVIANI, D.; SANFELICE, J. L. **Capitalismo Trabalho e educação**. 1. ed. Campinas, SP: Autores Associados, HISTEDBR, 2002.
14. Segnini, R.P.L. Desemprego e terceirização: trabalho, qualificação e direitos. 1997. Mimeo.
15. Oliveira, B R G; Robazzi, MLCC O trabalho na vida dos adolescentes: alguns fatores determinantes para o trabalho precoce. **Rev Latino-am Enfermagem** 2001 maio; 9 (3):83-9.
16. Galasso, L. Recordação da adolescência: um acidente do trabalho. In Buschinelli, J. P. T., Rocha L. E., Rigotto, R. M., organizadores. **Isto é trabalho de gente?** Petrópolis: Vozes; 1994. p. 342 – 358.
17. Forastieri, V. **Children at work: health and safety risks**. Geneva: International Labour Office, 1997.
18. Roberts, R. E., Roberts, C. R., Chen. Suicidal thinking among adolescents with a history of attempted suicide. **Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry** 1998; 37 (12): 1294-1300.
19. Santana, V. **Acidentes ocupacionais não fatais entre e adolescentes**. Salvador: Instituto de Saúde Coletiva. Universidade Federal da Bahia; 2000.
20. Santana, V Itaparica, M., Amorim, A M., Araújo Filho, J. B., Araújo G, Oliveira, M. e col. Acidentes de trabalho não fatais em adolescentes. **Cadernos de Saúde Pública** 2003; 19 (2): 407 – 420.
21. Luis IS, Krakhofer GS, Ribeiro, A S Promoção da saúde no local de trabalho: Pessoas saudáveis em organizações saudáveis. [http: www.eureka.es webs alass es calass99-38.htm](http://www.eureka.es/webs/lass99-38.htm). Acessado em 09.ago.2005.
22. Oliveira et al Globalização e saúde. [Http:\\www.enfermagem2000.hpg.com.br/htm/trabalhos/Globalização_e_saude.htm](http://www.enfermagem2000.hpg.com.br/htm/trabalhos/Globalização_e_saude.htm). Acessado em 22.ago.2005.

23. Alves, G. **O Novo (e precário) mundo do trabalho**. São Paulo. FAPESP. BOITEMPO Editorial. 2000. 1ª edição. 367 p.
24. Arendt, H A **Condição Humana**, Rio de Janeiro. Forense. p. 39-187.
25. Braverman, H. **Trabalho e Capital Monopolista: a degradação do trabalho no século XX**. Rio de Janeiro. Zahar. p. 49-134.
26. Burawoy, M. A transformação dos regimes fabris no capitalismo avançado. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. 1999 n.13 p. 29-51.
27. Friedmann. G. O trabalho em migalhas: especialização e lazares. São Paulo. Perspectiva. 1993 v.1 p. 19-45.
28. Lima, CGC. Trabalho precoce, Saúde e desenvolvimento mental. Acessado em 22.08.2006.
29. Social Accountability International – ASO - SAI Outubro 1997. New York, New York 10003. USA. e-mail: info@sa-intl.org.
30. SILVA B. Trabalho Infantil: a triste realidade da Infância Perdida. Senado Federal, Brasília, DF, 1996.
31. Rappaport, C R. Psicologia do Desenvolvimento. São Paulo. EPU. 1981.
32. Meire, A M. G. Quando o trabalho da criança é o brincar. IN: JERUSALINSKY, A et al. O valor simbólico do trabalho e o sujeito contemporâneo. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000.
33. Brasil. Ministério do Trabalho. Secretaria de Inspeção do trabalho. Trabalho Precoce: saúde em Risco. Brasília; 2000.
34. Forestil RGR Gravidez na Adolescência: um estudo exploratória sobre o início da experiência da gravidez. **Interface** 2001. p.170.
35. Brasil. Congresso Nacional. Relatório Final da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito, Denúncias sobre o trabalho de crianças e adolescentes no Brasil. Brasília. DF; 1998.

36. Conferencia Internacional del Trabajo: 87 reunion. Convenio Sobre la Prohibicion de lãs Peores Formas de Trabajo Infantil y la Accion Inmediata para su Eliminacion. Organizacion Internacional del trabajo – Genebra, 1999.
37. Fundação Maurício Sirotski Sobrinho. Uma década de avanços para a criança e o Adolescente. Papel Social. 1999; 57:01.
38. Aberasty , A; Knobel, M **Adolescência normal**. Trad. Suzana Maria G. ballve, 9 ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.
- 39 Franklin, R. N.; Pinto, E.C.M.M.; Lucas, J. T.; Linné, M.; Peixoto, R.; Sauer, M.T.N.; Silva, C.H.; NADER, P.J.H. O trabalho precoce e riscos á saúde. **Adolesc. Latinoam**. V.2, n.2, Porto Alegre, mar.2001. (12p.).
40. BrasilL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Organização, notas remissivas e índices. São Paulo, Saraiva, 1995.
41. Knobel M. A síndrome da adolescência normal. In. ABERASTURY, A. et al. Adolescência normal. Porto Alegre. Artes Médicas. 1991. p.24-62.
42. Erikson, E H **Identidade, juventude e crise**. 2. Ed Rio de Janeiro, ZAHAR, 1976.
43. Cano, M. A. T; Ferriani, M.G. C. Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. **Rev. Latino-am. Enfermagem**. Ribeirão Preto., v.8 n.2, p.18-24, abril 2000.
44. Iossi, M A “Aprender Brincando”: a percepção de alunos adolescentes sobre grupos de orientação sexual (dissertação de Mestrado) Escola de Enfermagem – USP - Ribeirão Preto, 2000. 134p.
45. Sant’Anna, A, Aerts D, Lopes PES MJ. Homicídios entre adolescentes no Sul do Brasil: Situações de vulnerabilidade segundo seus familiares. **Cad. Saúde Pública** v. 21 n. 1 Rio de Janeiro jan/fev. 2005.
46. Saito, M I. A Adolescência, vulnerabilidade, cultura e risco: *Pediatria* 22(3) 217-9. São Paulo. 2000.
47. Pettengill, MAM, Angelo M. Vulnerabilidade da família: desenvolvimento do conceito. **Rev. Latino-am Enfermagem** 2005 novembro-dezembro; 13(6): 982-8.

- 48 Martins, L B M, Costa-Paiva, L, Osisi, M J D et al. **Conhecimento sobre métodos anticoncepcionais por estudantes adolescentes.** *Rev. Saúde Pública*, jan./fev. 2006, vol.40, no.1, p.57-64. ISSN 0034-8910.
49. Almeida, M C C., Aquino, E M. L. e Barros, A P de. **Trajetória escolar e gravidez na adolescência entre jovens de três capitais brasileiras.** *Cad. Saúde Pública*, jul. 2006, vol.22, no. 7, p.1397-1409. ISSN 0102-311X.
50. Peres, S O e Heilborn, M L. Cogitação e prática do aborto entre jovens em contexto de interdição legal: o avesso da gravidez na adolescência. ***Cad. Saúde Pública***, jul. 2006, vol.22, no.7, p.1411-1420. ISSN 0102-311X.
51. Brandão, E R e Heilborn, M L. Sexualidade e gravidez na adolescência entre jovens de camadas médias do Rio de Janeiro, Brasil. ***Cad. Saúde Pública***, jul. 2006, vol.22, no. 7, p.1421-1430. ISSN 0102-311X.
- 52 Menezes, G M. S., Aquino, E M. L. e SILVA, D O. Aborto provocado na juventude: desigualdades sociais no desfecho da primeira gravidez. ***Cad. Saúde Pública***, jul. 2006, vol.22, no. 7, p.1431-1446. ISSN 0102-311X.
- 53 Tavares FT, Béria, J. U., Lima M. S. Fatores associados ao uso de drogas entre adolescentes escolares. ***Rev. Saúde Pública*** v. 38 n. 6 São Paulo dez. 2004.
- 54 Ramires MR, Andrade D. La familia y factores de riesgo relacionados con el consumo de alcohol y tabaco em los niños y adolescentes (Guayaquil-ecuador) ***Rev. Latino-am Enfermagem*** 2005 setembro-outubro; 13(número especial):813-8.
55. Carvajal LMC, Andrade, D. La escuela básica em la prevencion del consumo de alcohol y tabaco: retrato de uma realidade. ***Rev. Latino-am Enfermagem*** 2005 setembro-outubro; 13(número especial):784-9.
56. Miranda AE, Gadelha AMJ, Szwarcwald, CL padrão de comportamento relacionados às práticas sexuais e ao uso de drogas de adolescentes do exo feminino residentes em Vitória, Espírito Santo, Brasil, 2002. ***Cad. Saúde Pública*** v. 21 n.1 Rio de janeiro jan/fev. 2005.
57. Camarano A A, Mello J L , Pasinato M T, Kanso S Caminhos para a vida adulta: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros. ***Última década***. Santiago dic. 2004. v.12 n.21.

58. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Censo. Acessado através do endereço <http://www.ibge.gov.br.2002> .
59. Organização Internacional do Trabalho. **Convenção 138 sobre a idade mínima de admissão a emprego – 1973**. OIT, Brasília, DF: Positiva, 1993.
60. Souza, I. F. O trabalho precoce no Brasil. Texto extraído do Jus Navigandi. Acessado através do endereço www.jus.com.br 07.07.2005.
61. Carrion, V. **Comentários à consolidação das leis do trabalho**. 21^a ed.; atualizada e ampliada, São Paulo: Saraiva, 1996.
62. Custódio, A.V. Os trabalhos realizados nas ruas por crianças e adolescentes. **Jus Navegandi**, Teresina, a.9, n. 732, 7 jul. 2005. Disponível em – <http://www.1.jus.com.br/doutrina>. Acesso em 07 jul.2005.
63. Organização Internacional do Trabalho. Convenção da OIT. Brasília: M TE, SIT, 2002. 62 p.
64. Santana, V. et al. Acidentes de Trabalho não fatais em Adolescentes. **Cad. Saúde Pública**. V. 19, n. 2 p. 407-420. 2003.
65. Cruz Neto, O; Moreira, M.R. O trabalho infante – juvenil: motivações, aspectos legais e repercussão social. **Cad. Saúde Pública**, v. 14, n.2, Rio de Janeiro, abr.jun 1998.
66. Silveira, R. C. P; Robazzi, M. L. C. C. As crianças e os adolescentes acidentados no trabalho e atendidos em uma unidade distrital de saúde em Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. **Ciência y Enfermeria**, v 9, n 2, p 43-55. 2003.
67. Constantini, L. Exploração Infantil. **Jornal Folha de São Paulo**. 16.06.2004. São Paulo.
68. Pereira, I.; Carvalho, M.C.B.; Calil, M.I.; Mestriner, M.L. O trabalho do adolescente: mitos e dilemas. Ministério do trabalho, FUNDACENTRO, **Caderno de ação**, 1997. 62p.
69. Oliveira D C, Fischer F M, Teixeira M C T V , Amaral M A. A escola e o trabalho entre adolescentes do ensino médio da cidade de São Paulo: uma análise de representações sociais. *Psicologia: teórica e prática* – 2003, 5(1) :27-39.

70. Fischer, M. F.; et al Occupational accidents among middle and high school students of state São Paulo, Brazil. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v.37, n.3, p351-6, 2003.
71. Segnini, R. P. L. Problematizando a relação, trabalho e desenvolvimento. Nas Redes da educação. Revista Eletrônica. www.lite.fae.unicamp.br/revista/tra01.htm Acesso em 21. jan. 2002.
72. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio Econômicos (Dieese). Mapa da população negra no mercado de trabalho, 2002. Disponível em: www.dieese.org.br/esp/negro.html Acesso em junho de 2004.
73. Barros, R.; Mendonça, P.; Deliberalli, P; Bahia, A M. Trabalho Infantil no Município de Passo Fundo – RS. **Conjuntura e Análise** n. 17 p. 21-30.
74. Sarti, C. A, “O Compromisso da saúde no campo do trabalho infanto-juvenil: uma proposta de atuação. São Paulo, FSP/USP/FUNDACENTRO/FINEP, 1999. p. 39-43.
75. Organização Mundial da Saúde. Mapa Indicativo do trabalho infantil no Brasil. Brasília. 2005.
76. Pochmann, M. A inserção ocupacional e os empregos dos jovens. São Paulo: **Associação Brasileira de Estudos do Trabalho**, 1998.
77. Dauster, T Uma infância de curta duração: trabalho e escola. **Cadernos de pesquisa**. São Paulo (82): 31-36, agosto de 1992.
78. Ministério do Trabalho e Emprego. **Mapa de indicadores do trabalho da criança e do adolescente** – 3. ed. Brasília: M TE, SIT, 2005. 309p.
79. Asmus, C.I. F, et al. Riscos Ocupacionais na infância e adolescência uma revisão. **Jornal de Pediatria**, v. 72, n. 4, p. 203-8. 1996.
- 80 Bezerra, M. E. dissertação de mestrado no Departamento de Economia, Administração e Sociologia da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq) da Universidade de São Paulo (USP), em Piracicaba.

81. Miller, M. E.; Kaufman, J. D. Occupational injuries among adolescents in Washington State, 1988 – 1991. **American Journal of Industrial Medicine**, 34:121-32, 1998.
82. Marlenga, B.; Pickett, W.; Berg, R. L. Assignment of work involving farm tractors to children on north american farms. **American Journal of Industrial Medicine**, 40:15-22, 2001.
83. Fitzgerald ST, Laidlaw AD. Adolescents and work: risks and benefits of teenage employment. American Association of Occupational Health Nursing. 1995; 43 (4): 185-18.
84. Prefeitura Municipal de Sertãozinho. Associação de Assistência e Proteção ao Adolescente Trabalhador – ADOT. www.sertaozinho.sp.gov.br. Acessado em 14.06.2007.
85. Secretaria de Educação da Cidade de Itajaí. Programa do Adolescente no Trabalho – PIAT. <http://educacao.itajai.sc.gov.br> Acessado em 14.06.2007.
86. Patrulheiros Campinas – preparando jovens e transformando vidas. www.patrulheiroscampinas.com.br Acessado em 13.04.2005.
87. Ludke, M; André, M. E. D. A. Pesquisa em Educação: Abordagem Qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
88. Stake, R. E. Case study. In Denzin, N. K.; Lincoln, Y. S. Handbook of qualitative research. Califórnia, Sage, 1994. Cap 14, p.236-46.
89. Duarte, R Pesquisa Qualitativa: Reflexões sobre o trabalho de Campo. Cadernos de Pesquisa, n 115, p. 139-154, março 2002.)
90. Turato, E R. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições diferenças e seus objetos de pesquisa. **Rev. Saúde Pública**. 2005; 39(3);507-14.
- 91 Prefeitura Municipal de Campinas – www.campinas.sp.gov.br. Acessado em 08.04.2006.

- 92 Chizzotti, Pesquisa em ciências humanas e sociais. São Paulo: Cortez. p.40-60.1991.
- 93 Costa, A C G. Educação para o empreendedorismo. **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura**. Organizadores Regina Novaes e Paulo Vannuchi. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. 303 p.
94. Frigotto, G. Juventude, trabalho e educação no Brasil **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura**. Organizadores Regina Novaes e Paulo Vannuchi. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p.181-216.
95. Soares, L E Juventude e Violência no Brasil. **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura**. Organizadores Regina Novaes e Paulo Vannuchi. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p.137.
96. Ribeiro Filho, A C O Impacto do trabalho precoce na vida de crianças e adolescentes: Aspectos da Saúde Física e Mental, Cultural e Econômico. Ministério da Saúde. Brasília - DF. 2000.
http://www.mte.gov.br/trab_infantil/pub_541.pdf. acessado em 30.04.2007
- 97 Pochmann, M **O trabalho sob fogo cruzado: exclusão, desemprego e precarização no final do século**. São Paulo: Contexto, 2002. 3 edição. 295p
98. Martins, IS, Fischer FM, Oliveira DC. Teixeira IR, Costa, LAR da Marinho SP e col. Crescimento e trabalho de estudantes de ensino fundamental e médio em São Paulo, Brasil. **Revista de Saúde Pública** 2002; 36 (1): 19-25.
99. Alves, R. **Conversas com quem gosta de ensinar**. Campinas – SP. Papirus. 2000. 10 edição. 135 p.
100. Dunn KA, Teens at work: a statewide study of job, and injuries. **Journal of Adolescent Health** 1998; 22 (1): 19-25).
101. Galasso, Lô. **O Trampo, a Saúde, o Futuro... Trabalho dos adolescentes, problemas e caminhos para uma vida melhor**. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, Departamento de Saúde Ambiental, 2005. ISBN: 85-99167-01-4.
102. Guimarães, RM G; Romanelli, G. A inserção de adolescentes no mercado de trabalho através de uma ONG. **Psicologia em Estudo**. Maringá. V.7, n 2 p. 117-126. jul/dez 2002.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Termo de Consentimento

Nome da Pesquisa: “O trabalho precoce do adolescente no setor industrial de Campinas”

Pesquisador responsável: Ângela Cristina Puzzi Fernandes

Senhores Pais ou Responsáveis:

A questão do trabalho precoce é histórica, tendo este grave e complexo problema surgido desde o século XVII e persistido até os dias atuais. As crianças e os adolescentes sempre estiveram presentes como força produtiva no contingente trabalhador no Brasil e no mundo. Para isso estamos convidando os patrulheiros/adolescentes a participar como voluntário da referida pesquisa, que irá demorar em torno de trinta minutos. As entrevistas serão aplicadas dentro do ambiente de trabalho, e será norteadas com a pergunta “Como foi começar a trabalhar?”. Esta pesquisa se justifica pela necessidade de conhecer a realidade brasileira em relação ao trabalho precoce do adolescente no setor industrial e através da qual buscaremos compreender as causas que os levam a trabalhar precocemente e conhecer se este trabalho pode proporcionar possíveis interferências/mudanças no seu desenvolvimento, na sua vida escolar e em sua saúde. Salientamos que a referida pesquisa se dará através de entrevistas individuais e de visitas de observações de seu posto de trabalho durante a sua jornada de trabalho, não trazendo nenhum risco físico, moral ou financeiro. Contudo você tem o direito de se recusar a participar desta pesquisa sem que isso prejudique o andamento da mesma ou o prejudique em seu trabalho, no caso de aceitar fazer

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Nome da Pesquisa: **“O trabalho precoce do adolescente no setor industrial de Campinas”**

Pesquisador responsável: **Ângela Cristina Puzzi Fernandes**

A questão do trabalho precoce é histórica, tendo este grave e complexo problema surgido desde o século XVII e persistido até os dias atuais. As crianças e os adolescentes sempre estiveram presentes como força produtiva no contingente trabalhador no Brasil e no mundo. Para isso você está sendo convidado (a) a participar de uma entrevista, que irá demorar em torno de trinta minutos, e será norteada com a pergunta “Como foi começar a trabalhar?”. Esta pesquisa se justifica pela necessidade de conhecer a realidade brasileira em relação ao trabalho precoce do adolescente no setor industrial e através da qual buscaremos compreender as causas que os levam a trabalhar precocemente e conhecer se este trabalho pode proporcionar possíveis interferências/mudanças no seu desenvolvimento, na sua vida escolar e em sua saúde. Salientamos que a referida pesquisa se dará através de entrevistas individuais e de visitas de observações de seu posto de trabalho durante a sua jornada de trabalho, não trazendo nenhum risco físico, moral ou financeiro. Contudo você tem o direito de se recusar a participar desta pesquisa sem que isso prejudique o andamento da mesma ou o prejudique em seu trabalho, no caso de aceitar fazer parte do estudo; assine ao final deste documento que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. As informações coletadas têm caráter confidencial, sendo garantida sua privacidade, visto que sua identificação não será exposta nas conclusões ou publicações desta pesquisa. Você

tem garantido o direito de esclarecer eventuais dúvidas antes, durante e após o desenvolvimento deste trabalho; assim como ter acesso aos resultados da pesquisa.

Pesquisador: *Ângela Cristina Puzzi Fernandes* Assinatura:

Nome do entrevistado:

RG:

Assinatura:

Telefone da Secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa para recursos ou reclamações (16) 3602-3382.

Endereço e Telefone de contato do responsável pela pesquisa: AV: Arlindo Joaquim de Lemos –968 – Jardim Proença – CEP – 13100-450 – Campinas – SP - (19) 3705-7155.

ANEXOS

**ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
CENTRO COLABORADOR DA ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE PARA
O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA EM ENFERMAGEM**

Avenida Bandeirantes, 3900 - Campus Universitário - CEP: 14040-902 - Ribeirão Preto - SP - Brasil
FAX: 55 - 16 - 3633-3271/ 3630-2561 - Telefone: 55 - 16 -3602-3391/ 3602-3382

Ribeirão Preto, 17 de março de 2008

AVC

Comissão de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – USP

Ref. Projeto de pesquisa “O Trabalho do adolescente no setor industrial de campinas”.

Vimos por meio deste informar que as pendências apontadas em parecer anterior foram atendidas. Sendo assim, recomendo aprovação do projeto de pesquisa.

Parecer aprovado pelo Comitê de Ética em
Pesquisa da EERP/USP na 104ª Reunião
Ordinária realizada em 19/03/2008

Prof. Dra. Lucila Castanheira Naselmento
Coordenadora
Comitê de Ética em Pesquisa EERP USP

ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
CENTRO COLABORADOR DA ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE PARA
O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA EM ENFERMAGEM

Avenida Bandeirantes, 3900 - Campus Universitário - Ribeirão Preto - CEP 14040-902 - São Paulo - Brasil
FAX: (55) - 16 - 3633-3271 / 3602-4419 / TELEFONE: (55) - 16 - 3602-3382

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA EERP/USP

Of. CEP-EERP/USP – 051/2008

Ribeirão Preto, 20 de março de 2008

Prezada Senhora,

Comunicamos que o projeto de pesquisa, abaixo especificado, foi analisado e considerado **APROVADO**, pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, em sua 104ª Reunião Ordinária, realizada em 19 de março de 2008.

Protocolo: nº 0855/2007

Projeto: O TRABALHO DO ADOLESCENTE NO SETOR INDUSTRIAL DE CAMPINAS.

Pesquisadores: Maria Lúcia do Carmo Cruz Robazzi
Ângela Cristina Puzzi Fernandes

Em atendimento à Resolução 196/96, deverá ser encaminhado ao CEP o relatório final da pesquisa e a publicação de seus resultados, para acompanhamento, bem como comunicada qualquer intercorrência ou a sua interrupção.

Atenciosamente,

Profª Drª Lucila Castanheira Nascimento
Coordenadora do CEP-EERP/USP

Ilma. Sra.

Profª Drª Maria Lúcia do Carmo Cruz Robazzi
Deptº de Enfermagem Geral e Especializada
Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP